

PÁG. 3

Fundação sedia debate sobre uso de antirretrovirais como estratégia de prevenção do HIV



PÁG. 5

A plataforma de acesso a medicamentos para doenças negligenciadas WIPO Re:Search terá maior participação da Fiocruz



PÁG. 18

Pesquisadora comenta parceria com fundação francesa no combate à leishmaniose no Brasil

Fiocruz leva *expertise* em manutenção hospitalar para o Haiti



■ O hospital que a Cooperação Tripartite Brasil-Cuba-Haiti está construindo no departamento de Bon Repôs, que será entregue no final de julho. **Foto Cris/Fiocruz**

O Cris/Fiocruz presta apoio à parceria entre os Ministérios da Saúde dos três países da Cooperação Brasil-Cuba-Haiti

Rebert Lima - Cris

A Ensp/Fiocruz, em parceria com o Ministério de Saúde Pública e da População do Haiti (MSPP) e a Brigada Médica Cubana (BMC), vai realizar um curso de manutenção hospitalar no Haiti. A estrutura do curso é com base em Educação à Distância (EAD), com três encontros presenciais entre professores e alunos, e o restante será via internet, dividido por módulos, com duração total de um ano. Ele está programado para começar no mês de julho para 15 participantes selecionados pelo Ministério da Saúde do Haiti.

A Gestão de Recursos Físicos e Tecnológicos na área da Saúde (REFIT) foi desenvolvida por pesquisadores da Fiocruz, e esse modelo é utilizado desde 2006 pelo Ministério da Saúde do Brasil para formar especialistas em manutenção hospitalar no país. O curso é em formato Educação à Distância (EAD). A coordenadora do REFIT, Luisa Pessôa, explica que os alunos terão possibilidade de gerir o Parque Tecnológico que o Brasil está construindo no Haiti, envolvendo três Hospitais Comunitários de Referência, dois laboratórios de saúde pública, 30 Unidades para a Rede de Frio (armazenamento de vacinas e insumos), assim como as unidades de saúde já existentes no país. "A questão da manutenção de equipamentos é muito importante, e para esta finalidade estamos contando com a parceria dos engenheiros e técnicos cubanos", reforça Luisa Pessôa.

Carlos Linger, coordenador do

projeto tripartite na Fiocruz, ressalta que esta atividade se orienta sob os princípios da cooperação Sul-Sul, entre países em desenvolvimento. "A presente iniciativa faz parte da estratégia de cooperação internacional estruturante, modelo defendido e adotado pela Fiocruz, e fortalece o processo de implantação de políticas de Gestão Tecnológica em Saúde" destaca Linger. A Brigada Médica Cubana atua no Haiti desde 1998. Atualmente, cerca de 1200 médicos estão operando em todo o país, rasgado por terremotos, furacões, cólera e outras doenças.

A coordenadora do REFIT esclarece ainda que um bom gestor de unidades de saúde deve saber planejar e gerenciar os recursos físicos e tecnológicos em saúde e também levar em conta os aspectos sociais, econômicos e políticos a fim de atender às necessidades de seu país. "É preciso ter capacidade para interagir com as equipes de saúde locais, regionais e nacionais, assessorar na organização de investimentos, apoiar a definição de necessidades e prioridades, planejar e programar os recursos físicos em saúde e gerenciar as suas execuções e a sua manutenção", completa Luisa Pessôa. O Cris/Fiocruz convocou profissionais da Cooperação Brasil-Cuba-Haiti para que a proposta do curso seja revisada, adaptada e aperfeiçoada por representantes dos três países cooperantes de maneira horizontal e participativa.

Resp pesquisará escolas de governo na América do Sul



Os participantes da oficina para mapeamento dos programas de formação em saúde pública na América do Sul. Foto Isags

Isabela Schincariol - Ensp

A Rede de Escolas de Saúde Pública da América do Sul (Resp/Unasul), que tem apoio do Cris/Fiocruz, iniciará uma grande pesquisa para conhecer a capacidade de formação de recursos humanos na área da saúde e o contexto político, social e cultural de seus países-membro: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. O estudo *Mapeamento dos programas de formação em saúde pública na América do Sul* conta com a participação dos pesquisadores José Inácio Jardim Motta e Sandra Siqueira, da Ensp/Fiocruz, que é a secretária executiva da Rede. O projeto do mapeamento passou por diversas etapas. A primeira delas foi a construção de um termo de referência norteador do processo. Além de José Inácio e Sandra, participaram da redação do documento o secretário executivo da Resp e ex-diretor da Ensp/Fiocruz, Antônio Ivo de Carvalho; Érica Kastrup e Ana Laura Brandão, integrantes da secretaria executiva da Resp e da Assessoria de Cooperação Internacional da Escola.

Finalizado o documento, o grupo responsável iniciou a fase de validação dos eixos e subeixos propostos no termo e o desenvolvimento da estratégia de

aplicação da pesquisa. Para tanto, foram realizadas reuniões e oficinas das quais participaram integrantes do Instituto Sul-Americano de Governo em Saúde (Isags-Unasul), da Rede de Escolas Técnicas de Saúde (Rets) e do Grupo Técnico de Recursos Humanos da Unasul. O consultor técnico de políticas e sistemas de saúde do Isags, Oscar Feo, o assessor do Ministério da Saúde, Alexandre Dias, a integrante do Observatório Regional de Recursos Humanos em Saúde do Peru, Donatila Ávila também foram responsáveis pela validação do termo de referência. Segundo Érica Kastrup, a experiência já adquirida pela Rets nesse tipo de pesquisa pode ajudar muito o desenvolvimento do mapeamento da Resp/Unasul.

Para Érica, o trabalho a ser realizado vai além de um mero levantamento de cursos. Seu objetivo inicial é o conhecimento das capacidades e do potencial dos países, e isso será, principalmente, um grande esforço de construção de articulação entre as escolas. De acordo com o secretário executivo da Resp, Antônio Ivo de Carvalho, a América do Sul conta com quase 170 instituições públicas de ensino que oferecem formação na esfera de especialização, mestrado e doutorado. "É preciso motivar e mobilizar essas instituições para que se integrem de fato à Rede. Queremos fomentar o sentimento de per-

tencimento em cada um dos integrantes da Resp/Unasul. Para tanto, precisamos saber quem somos, o que fazemos, aonde queremos chegar e como podemos responder às demandas desses 12 países", justificou Antônio Ivo.

O documento é composto de quatro principais eixos: *Saúde pública; Escola e os processos de ensino; A concepção de rede; e Particularidades loco-regionais*. O primeiro eixo se refere à caracterização dos diferentes contextos em que se inserem as escolas e seus atores. O segundo eixo diz respeito aos conceitos político-pedagógicos, assim como a sua relação com a política pública e a governança em saúde e sobre as características gerais dos processos de formação, a capacidade da escola/ator-rede em formular estratégias pedagógicas e processos de formação que respondam a demandas apontadas por políticas públicas, aumentando a governança em saúde.

O terceiro eixo trata da compreensão dos diferentes conceitos de rede e sua capacidade de articulação. Ele engloba também a sua capacidade para explicar as boas práticas da formação em saúde e as necessidades de articulações bilaterais e multilaterais relativas aos diferentes contextos nacionais. Por sua vez, o último eixo, que se refere às particularidades loco-regionais, visa compreender as dimensões políticas, sociais, culturais, demográficas e territoriais que constituem as necessidades sociais de saúde no contexto da América do Sul, suas interfaces e possibilidades para cooperações bilaterais e multilaterais nos processos formativos da Rede de Escolas de Saúde Pública.

A próxima etapa prevista no mapeamento, marcada para iniciar em julho, será a construção do instrumento de pesquisa, baseado no documento orientador do projeto. A metodologia a ser utilizada ainda não foi definida, mas provavelmente serão utilizados questionários e a técnica de grupos focais com as instituições e países integrantes da Resp. O grupo ainda pretende realizar um projeto-piloto com cerca de três escolas para validar a metodologia escolhida.

Transferência de tecnologia permite produção de remédio que controla colesterol



■ À direita, o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, o diretor de Farmanguinhos/Fiocruz, Hayne Felipe, e o vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde, Jorge Bermudez, com representantes do laboratório americano Pfizer.
Foto Edson Silva/Farmanguinhos/Fiocruz

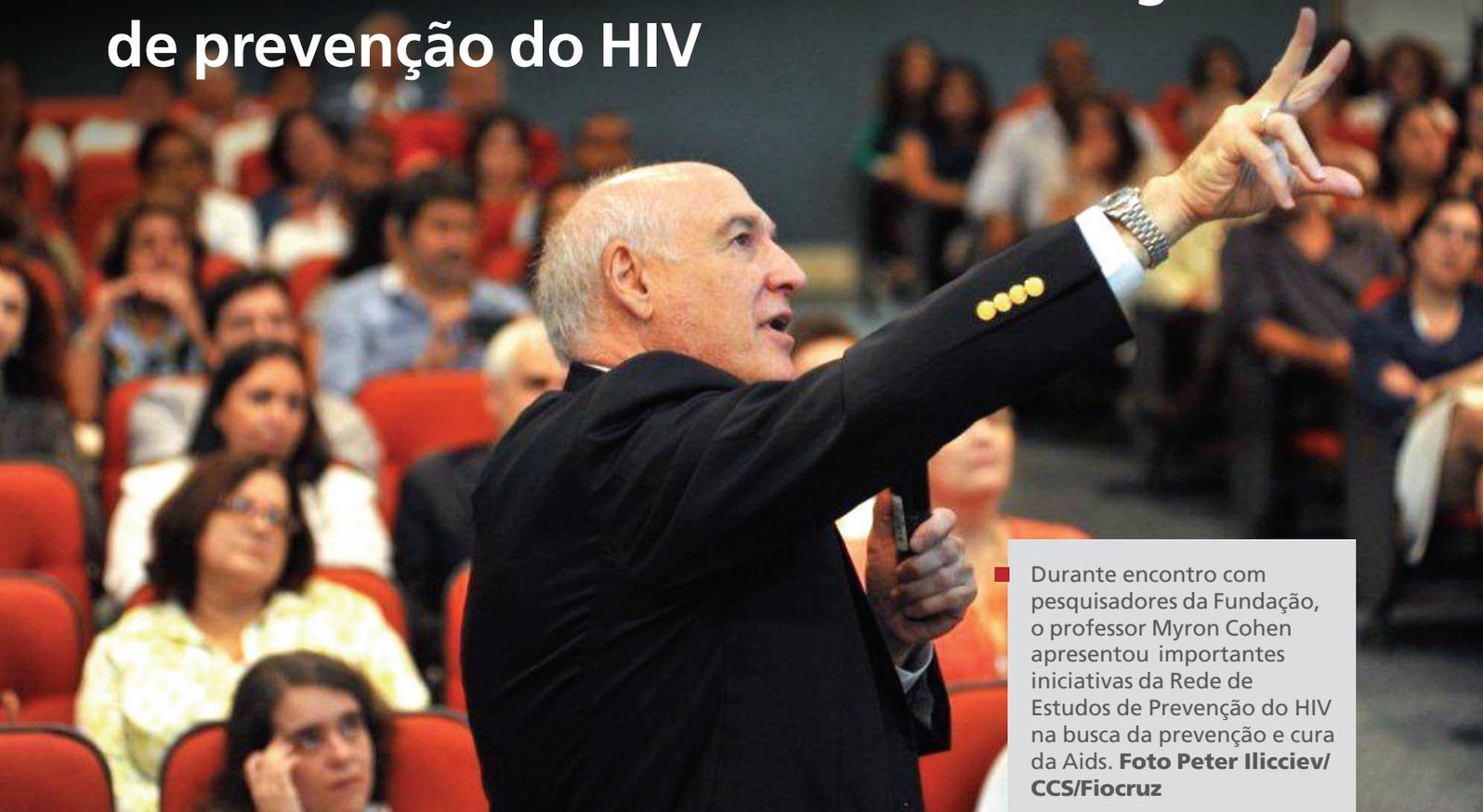
Alexandre Matos - Farmanguinhos

O laboratório americano Pfizer e Farmanguinhos/Fiocruz assinaram, no dia 13 de junho, Parceria de Desenvolvimento Produtivo para transferência de tecnologia de desenvolvimento e produção da Atorvastatina Cálcica, usada no controle do colesterol. O medicamento será fabricado pela unidade nas concentrações de 10 e 20mg. A parceria terá a participação ainda da Nortec Química S/A, que será responsável pela produção do Insumo Farmacêutico Ativo (IFA) para a fabricação do medicamento. A Atorvastatina é o princípio ativo do Citalor, produzido pela Pfizer. O medicamento faz parte da lista de produtos estratégicos para o SUS, cujos domínios tecnológico e de produção são essenciais para o desenvolvimento do Complexo Econômico e Industrial da Saúde (Ceis). Busca-se, com o acordo, não apenas o domínio da produção, como tam-

bém o incentivo da indústria farmacêutica nacional, com a fabricação do IFA em solo brasileiro. O diretor da unidade, Hayne Felipe da Silva, destacou a relevância do acordo. "Além de fazer uma atualização do nosso portfólio com este medicamento estratégico, a parceria segue também a linha da política industrial de produzir IFAs em nosso país", ressaltou. Farmanguinhos já produz quatro outros medicamentos contra doenças cardíacas, os anti-hipertensivos Captopril, Enalapril, Metildopa e o Cloridrato de propranolol. O medicamento é um dos mais importantes do mundo no controle do colesterol elevado, uma doença de alto impacto para a saúde. Problemas cardiovasculares são a primeira causa de morte por doença da população brasileira. "Essa iniciativa contribuirá com a saúde de mais pessoas em todo o país e poderá ampliar o acesso à Atorvastatina no SUS", enfatizou o presidente da Pfizer Brasil, Victor Mezei. Atualmente o fármaco

é financiado pelas Secretarias de Estado da Saúde, ou seja, a distribuição não é centralizada pelo Ministério da Saúde. Com isso, a parceria permitirá a redução de custo do medicamento e Farmanguinhos poderá oferecer um produto mais barato para as secretarias de saúde. A demanda prevista para atender a rede do SUS é de 175 milhões de unidades farmacêuticas nos próximos cinco anos, sendo 35 milhões anualmente. A previsão é de que em 2017 sejam produzidos os primeiros lotes do IFA nacional. A transferência de tecnologia envolve um complexo processo, que passa por transmissão de conhecimento, tecnologia, equipamentos, treinamento de pessoal e assessoramento técnico. No desenho proposto por este acordo, entre o 4º e 5º anos da parceria, respectivamente 2016 e 2017, Farmanguinhos produzirá 25% desta demanda e a Pfizer os outros 75%. A partir do 6º ano (2018), o Instituto terá capacidade para atender 100% da demanda nacional.

Fundação sedia palestra sobre uso de antirretrovirais como estratégia de prevenção do HIV



■ Durante encontro com pesquisadores da Fundação, o professor Myron Cohen apresentou importantes iniciativas da Rede de Estudos de Prevenção do HIV na busca da prevenção e cura da Aids. **Foto Peter Illiciev/CCS/Fiocruz**

Danielle Monteiro - CCS
e Priscila Sarmiento - Ipec

Um dos principais pesquisadores na área da transmissão e prevenção do HIV, o professor americano Myron Cohen ministrou palestra na Fiocruz, no último dia 11, sobre o uso de antirretrovirais como estratégia de prevenção do HIV. Antes da conferência, organizada com apoio do Cris/Fiocruz, o professor se reuniu com pesquisadores da Fundação que fazem estudos sobre Aids para apresentar algumas das iniciativas em busca da prevenção e cura da doença conduzidas pela Rede de Estudos de Prevenção do HIV (HIV Prevention Trials Network – HPTN) dos Institutos Nacionais de Saúde (National Institutes of Health – NIH) dos Estados Unidos e de outras instituições do mundo. Copesquisador principal da rede, Cohen tem como linha central de pesquisa a transmissão e prevenção do HIV.

Autor de mais de 500 artigos sobre o tema, Cohen destacou o papel desempenhado pela Fiocruz, por meio do Ipec/Fiocruz, no estudo HPTN 052, no qual o professor atuou como investigador principal. Trata-se de um ensaio clínico que apontou que, quando o soropositivo adere a um esquema eficaz de terapia antirretroviral, o risco de transmissão para seu parceiro sexual não infectado pelo HIV pode ser reduzido em até 96%. “A Fiocruz exerceu um papel crítico e muito importante nos ensaios clínicos e participou do projeto de diferentes formas, mostrando um grande potencial na condução de futuros estudos. Sem a Fundação o projeto não teria sido possível”, disse. A pesquisa HPTN 052 foi eleita a maior inovação científica do mundo no ano de 2011 pela revista americana *Science*, considerada uma das melhores publicações científicas do mundo.

Um dos estudos destacados pelo professor, e que também teve par-

ticipação do Ipec/Fiocruz, foi o iPrEX (sigla para Iniciativa Profilaxia Pré-Exposição – PrEP), que testou a eficiência do uso do antirretroviral Truvada, uma combinação de dois medicamentos (Emtricitabine e Tenofovir), na redução do risco de transmissão do HIV. Também entre as iniciativas abordadas está o HPTN 068 – que analisou se a ajuda financeira, bem como a frequência escolar, podem ser fatores de redução da disseminação de HIV em jovens mulheres na África do Sul – e o HPTN 069, que avalia a segurança e tolerância de quatro regimes com antirretrovirais na prevenção do HIV em homens homossexuais.

Outra ação destacada foi o estudo HPTN 071, que investiga se o aconselhamento e fornecimento de testes, junto com a oferta imediata de tratamento antirretroviral, pode ajudar na redução da incidência de HIV no sul da África; e ainda o HPTN 073, que vai atestar a iniciação, aceitabilidade, se-

gurança e viabilidade da Profilaxia Pré-exposição para homens homossexuais negros, em três cidades dos EUA. Já o HPTN 075 consiste na detecção de indivíduos soropositivos que não estão em tratamento e não têm acesso aos serviços de saúde nos EUA. Segundo Cohen, há milhões de pessoas infectadas naquele país, mas somente 800 mil sabem que são soropositivas. Deste total, 500 mil buscam por tratamento e 300 mil se tratam da forma correta. “Muitos não tomam o coquetel ou porque estão muito estressados com seu trabalho ou por outro motivo, a ponto de não se dar conta do problema que têm, já que se sentem saudáveis”, explicou.

Cohen ainda fez um breve histórico das tentativas não acertadas feitas mundo afora na busca por uma vacina contra o HIV. Segundo ele, uma das grandes dificuldades na criação de uma vacina contra a doença é que o organismo geralmente começa a produzir os anticorpos contra o HIV somente de oito a dez anos após receber a dose. Ele contou que uma das pesquisas internacionais em busca da imunização contra o HIV acompanhou 300 mil pessoas no Malawi e na África do Sul e conseguiu detectar todos os indivíduos a partir do dia em que foram infectados. Destas pessoas, 16 produziram anticorpos neutralizantes já nos primeiros meses de infecção, ao contrário do que comumente ocorre. Além de se conectar ao vírus e alertar ao sistema imune que destrua aquele corpo estranho, os anticorpos neutralizantes podem evitar que o vírus complete a infecção. “A esperança é que a vacina contra o HIV contenha esses anticorpos. Para isso, precisamos entender como fazer uma vacina que convença as células B (tipo de linfócito que constitui o sistema imune que tem como principal função produzir anticorpos contra antígenos) a produzir os anticorpos em poucas semanas. E mais: precisamos convencer as células B a continuar a fabricar os anticorpos de uma forma concentrada para que possam prevenir o HIV por muitos anos”, disse.

Pesquisadora da Fiocruz e coordenadora do estudo HPTN 052 no Brasil, Beatriz Grinsztejn disse que a visita de Cohen abre caminho para o estabelecimento de novas parcerias com a Rede de Estudos de Prevenção do HIV

no campo de prevenção e tratamento do HIV. “Cohen é hoje uma das pessoas mais importantes no mundo na área. Esta é uma grande oportunidade para a Fiocruz mostrar seu potencial na condução de estudos no campo da prevenção e tratamento da Aids e assim nos colocarmos disponíveis para novos desafios”, declarou. Ela também falou sobre o papel da Fundação no estudo HPTN 052. “A iniciativa nos exigiu uma interação grande com vários centros de testagem anônima. Tivemos que desenvolver uma série de estratégias para identificar indivíduos soropositivos que tivessem parceiros HIV negativos e tivessem uma alta contagem de CD4 (células do sistema imune que protege indivíduos contra infecções). Para isso, aumentamos a testagem, fizemos entrevistas no local e tomamos uma série de outras medidas”, contou.

Pesquisa brasileira é pioneira

Realizada pelo Grupo Hospitalar Conceição (GHC), em Porto Alegre, e coordenada pelo Ipea/Fiocruz, no Rio de Janeiro, a pesquisa brasileira HPTN 052 é considerada um ensaio clínico pioneiro da Rede de Testes para Prevenção de HIV que demonstrou que, se indivíduos HIV positivos aderem a um esquema eficaz de terapia antirretroviral, o risco da transmissão do vírus ao parceiro sexual sem infecção pode ser reduzido em até 96%. Durante palestra que ministrou na Fundação, Myron Cohen comentou os resultados do estudo e sua satisfação com os resultados: “o estudo 052, para mim, tem duas coisas muito importantes: a possibilidade de ter a chance de falar com os pesquisadores, ter encontrado com os casais da pesquisa e perceber que ajudamos, contribuimos e, o mais gratificante, ver os bebês nascendo”. O estudo mostrou que o tratamento com antirretrovirais também pode diminuir a transmissão do vírus, servindo como um método para a prevenção da doença. Os antirretrovirais são medicamentos que controlam a ação do vírus HIV no organismo. O estudo 052 foi iniciado em 2005 e envolveu 1.763 casais sorodiscordantes, sendo 97% heterossexuais, em 13 centros de saúde que fazem parte da Rede de Tes-

tes em três continentes (Ásia, Américas e África).

A HPTN é uma rede colaborativa criada em 2000 e formada por instituições de diversos países que desenvolvem ensaios clínicos focados no estudo da transmissão do vírus HIV/AIDS. Seu objetivo é desenvolver e implementar estratégias de prevenção que contribuam para uma redução significativa e mensurável da incidência de HIV em populações do mundo inteiro.

Como foi feita a pesquisa

Para participar do estudo, foram 890 homens e 873 mulheres que deveriam ter de 350 a 550 células de defesa por milímetro cúbico. Esse número indica a saúde do sistema imunológico dos soropositivos. Já os parceiros, todos inicialmente não afetados pelo HIV, fizeram testes para verificar se estavam livres do vírus 14 dias após aceitarem participar da pesquisa. Os investigadores separaram os casais em dois grupos. No primeiro, os portadores do vírus começaram a tomar remédios 60 dias depois do início do estudo. Já no segundo, os soropositivos começaram a terapia tardiamente, somente depois da contagem de células de defesa ficar abaixo de 250 por milímetro cúbico no sangue ou quando uma doença os afetava, como no caso da pneumonia pneumocística – doença causada pelo micro-organismo.

Ao todo, foram usados 11 medicamentos, em diversas combinações. Do total de casais, apenas 39 parceiros foram infectados. A transmissão entre os membros do casal ficou provada em 28 casos. Sete pessoas adquiriram o vírus de outra forma e quatro casos ainda aguardam análise. No caso das 28 transmissões do portador para o parceiro inicialmente não infectado, 27 ocorreram no grupo que começou a receber antirretrovirais tardiamente. Houve apenas um caso de contaminação do parceiro por um soropositivo que recebeu remédios desde o início do estudo. Durante o estudo, os participantes receberam orientações sobre como se proteger contra doenças venéreas, aconselhamentos e camisinhas grátis. Houve 23 mortes durante a pesquisa.



■ O Encontro do Programa Integrado de Doença de Chagas discutiu as lacunas e desafios da doença no Brasil e América Latina. Foto Gutemberg Brito/IOC/Fiocruz

Encontro discute lacunas e desafios para a doença de Chagas na atualidade

Carolina Landi - Ipec

Segundo dados da iniciativa Medicamentos para Doenças Negligenciadas (DNDi, na sigla em inglês), a doença de Chagas, sozinha, é responsável por cerca de 12 mil mortes por ano na região da América Latina e representa um custo global de US\$ 7,2 bilhões por ano. O Brasil está no topo do ranking em perdas de produtividade com um custo de US\$ 129 milhões para a saúde pública anualmente. Foi nesse contexto que representantes dos Ministérios da Saúde do Brasil e Argentina, Médicos Sem Fronteiras (MSF), DNDi, pesquisadores da Fiocruz e membros do Cris/Fiocruz estiveram reunidos para discutir as lacunas e os desafios da doença no Brasil e América Latina durante a décima edição do Encontro do Programa Integrado de Doença de Chagas (PIDC). O evento, que foi realizado entre os dias 11 e 13 de junho no Palácio Itaboraí, também teve como intuito lançar bases para o macroprojeto que está sendo preparado pelo grupo, que inclui pesquisadores de várias unidades da Fiocruz.

A abertura do encontro contou com a presença da então vice-presidente de Pesquisa e Laboratórios de Referência (VPPLR/Fiocruz), a pesquisadora Claude Pirmez (que deixou o cargo em 12 de junho), do diretor do Ipec/Fiocruz, Alejandro Hasslocher, do diretor do IOC/Fiocruz, Wilson Savino, e o coordenador do Programa de Desenvolvimento Tecnológico de Insumos para a Saúde – PD-TIS, Win Degrave. Pirmez falou sobre o

objetivo do encontro, de produzir o macroprojeto: “É preciso agregar ideias para mudar o quadro atual da doença de Chagas. A Fiocruz tem uma bagagem na área e é preciso dar um salto qualitativo e pensar transdisciplinarmente para dar conta das lacunas da doença atualmente”. Estima-se que, atualmente, mais de 10 milhões de pessoas no mundo estejam infectadas com a doença. Alejandro Hasslocher e Wilson Savino reforçaram o apoio institucional para suas respectivas unidades na participação do Programa.

Avanços e desafios

A abordagem integral da doença de Chagas deu o tom ao encontro nos dias destinados às apresentações e discussões. Foram apresentados os resultados de pesquisas desenvolvidas pela Fundação, como o kit em tempo real para o diagnóstico molecular e avaliação da carga parasitária em pacientes portadores da Doença de Chagas, os dados e as estratégias para a vigilância epidemiológica da doença no Pará (no Brasil, cerca de 98% dos casos agudos ocorrem nesse estado) e Amazônia.

Entre os desafios atuais, estão a subnotificação de casos e o controle de qualidade dos alimentos que podem transmitir a doença via contaminação, como o açaí, que é o alimento mais associado na transmissão pela via oral e que possui grande impacto nutricional e econômicos no Pará e Amapá. “É um problema principalmente de vigilância sanitária, que tem sido falha e fraca. A comercialização do açaí envolve a ge-

ração de renda do local e põe em risco o emprego de muitas pessoas. Mas a vigilância precisa atuar sem interferências e chantagens por parte do capital e dos políticos”, afirmou o pesquisador do Instituto Evandro Chagas (IEC/Pará) Sebastião Aldo da Silva Valente.

O encontro ainda chamou atenção para a demora no fechamento do diagnóstico para a doença de Chagas e a dificuldade de notificação de casos em cidades com pouca estrutura. “O Ministério da Saúde só tem notificado os casos agudos. É preciso estabelecer uma política para os casos crônicos da doença, e capacitar os profissionais de saúde que atuam nessa área”, complementou a pesquisadora Vera Valente, do IEC/Pará.

Experiências de iniciativas como MSF e DNDi também foram apresentadas. Com quase 93 mil diagnósticos e 7 mil tratamentos realizados desde o início do seu projeto em doença de Chagas, em 1999, o MSF, representado pela Dra. Lucia Brum, apontou para a necessidade de melhorias para os testes de diagnóstico, com provas rápidas de melhor sensibilidade e especificidade para uso em condições de campo, e a formulação de medicamentos menos tóxicos e com maior eficácia na fase crônica.

A DNDi, que trabalha a partir de Parcerias para o Desenvolvimento de Produtos, mostrou a Plataforma de Pesquisa Clínica em Doença de Chagas, que agrega investigadores, grupos de especialistas em Chagas, instituições de pesquisa, organismos governamentais e não governamentais nacionais e internacionais, associações de pacientes e outros parcei-

ros em uma rede colaborativa. “A ideia é reforçar as capacidades institucionais de pesquisa e desenvolver uma massa crítica de expertise”, informou Mariana Ali-Saab, coordenadora da Plataforma.

Carta de Petrópolis

Ao final do evento, os pesquisadores que compõem o Programa formularam a Carta de Petrópolis, um conjunto de propostas que visam o fortalecimento do grupo e de suas ações entre a Fiocruz, governo e sociedade civil. “O que vi nessa reunião foi um grupo de pessoas se unindo para formular uma estratégia de ação. Esses cientistas, técnicos e sonhadores que estão aqui, diante de uma doença negligenciada, estão pensando em como fazer a sociedade usar o seu papel, o seu prestígio e seu conhecimento para formular uma demanda que cheguem realmente às elites que estão administrando esse país”, disse o pesquisador emérito da Fiocruz João Carlos Pinto Dias.

Para o coordenador da Unidade Técnica de Vigilância de Doenças Transmissíveis por Vetores da Secretaria de Vigilância em Saúde/Ministério da Saúde, Renato Vieira Alves, o PIDC representa uma iniciativa importante para pensar, de forma sistematizada, a contribuição que a pesquisa pode proporcionar para o serviço: “A organização do Programa para oferecer respostas para o serviço é fundamental e pode ser um marco para o Programa de Doença de Chagas do Ministério da Saúde”. O Programa Integrado de Doença de Chagas (PIDC) tem a coordenação de Luciana Ribeiro Garzoni, Mariana Caldas Waghabi, ambas do IOC/Fiocruz, e Roberto Saraiva, do Ipec/Fiocruz.

Sobre o PIDC

Lançado oficialmente em 2006, o Programa Integrado de Doença de Chagas (PIDC) visa articular a cooperação entre pesquisadores em redes temáticas, visando aumentar a eficiência da pesquisa nacional e fortalecer a captação de recursos financeiros para o desenvolvimento de pesquisas relevantes para a sociedade. As redes temáticas do Programa são: Rede 1- Medicamentos, terapêutica e ensaios clínicos; Rede 2- Taxonomia de vetores e ecologia de ciclos de transmissão do *Trypanosoma cruzi*; Rede 3- Diagnóstico; Rede 4- Fisiopatogenia; Rede 5- Educação; Rede 6 – Pesquisa Clínica.

Saiba mais sobre o programa aqui: www.fiocruz.br/pidc

Estudantes de universidade norteamericana visitam a Fundação

Danielle Monteiro - CCS

Alunos da Universidade de Rutgers, dos Estados Unidos, visitaram a Fiocruz, em 28 de maio, para conhecer o trabalho da Fundação no campo de saúde pública, assim como seus programas de ensino e ações na área de cooperação internacional. O encontro é fruto da visita do reitor da instituição Wendell Prichett à Fundação, ocorrida em maio passado para a análise de possibilidades de intercâmbio e programas de EAD.

Segundo a professora da universidade, Susan Norris, o encontro será muito importante para a formação dos estudantes, pois vai conceder a eles uma visão do que outro país faz na área de saúde pública além de contribuir para que adquiram experiências fora dos hospitais.

“Nos Estados Unidos, estamos trabalhando para incluir o campo da saúde pública na enfermagem, pois percebemos que esse é o caminho que essa área deve seguir. Essa é uma oportunidade para dar início a essa nova orientação e estimular o desenvolvimento da enfermagem em nosso país”, justificou. Norris também elogiou as ações desenvolvidas pela Fundação dentro e fora do país e disse que o encontro abre possibilidades para futuros intercâmbios entre pesquisadores das duas instituições. “Já temos parceria com outras instituições brasileiras que prevê o intercâmbio entre alunos. Estaríamos muito interessados em estabelecer esse tipo de acordo com a Fundação”, afirmou.

Com interesse em conhecer os diferentes sistemas nacionais de saúde, a haitiana Ariel Delane, aluna do quarto ano da Escola de Enfermagem da universidade, comentou que ficou impressionada com o trabalho da Fundação em diferentes áreas. Ela destacou que o conhecimento sobre as ações da Fundação em outros países e o aprendizado sobre saúde global adquiridos foram os principais ganhos desta visita. “Eu não sabia que o Brasil tinha um renome internacional no campo da saúde, isso é muito inspirador. Esse encontro me fez conhecer

o alcance internacional de um país em desenvolvimento e também me mostrou que o trabalho de poucas pessoas em outros países faz muita diferença”, disse. “Seria maravilhoso poder participar dos programas de ensino da Fiocruz e trabalhar em um projeto em conjunto. Isso me traria maior conhecimento sobre políticas públicas no campo de enfermagem, o que seria fascinante para mim”, acrescentou.

Para Christopher Berg, graduado



Os alunos da Universidade de Rutgers, dos Estados Unidos, em visita à Fiocruz. Foto CCS/Fiocruz

em ciências da enfermagem, a visita à Fundação vai agregar a sua bagagem cultural um maior conhecimento sobre políticas públicas no sistema de saúde, principalmente no que diz respeito ao acesso ao cuidado. “Vi que a Fiocruz tem a preocupação de prover o cuidado à saúde a comunidades carentes além de prestar apoio a sistemas de saúde de países que precisam de ajuda nisso, como os africanos e alguns sul-americanos. Esses princípios me incentivam a estar mais envolvido com essas temáticas”, afirmou.

Segundo o assessor do Cris/Fiocruz, Luiz Eduardo Fonseca, a vinda de estudantes estrangeiros à Fundação pode ampliar o papel da instituição no cenário internacional em saúde, além de ajudar a reforçar a comunidade científica. “Ultimamente tem sido cada vez maior o interesse de instituições de ensino estrangeiras nas suas congêneres brasileiras por razões variadas que vão desde a possibilidade de acesso ao financiamento para o Ciências sem Fronteiras quanto as chances de ampliação da participação brasileira em projetos de pesquisa. A Fiocruz tem se mostrado sensível a isso e recebido todas as instituições internacionais que demonstram interesse em nos conhecer”, finalizou.



■ O encontro com o ministro da Saúde da Alemanha reuniu gestores da Fundação para a identificação de novas parcerias com o país europeu. **Foto: Peter Illiciev/CCS/Fiocruz**

Ministro da Saúde da Alemanha propõe novas parcerias com a Fundação

Danielle Monteiro - CCS

O ministro da Saúde da Alemanha, Daniel Bahr, esteve em visita à Fiocruz no dia 24 de maio para debater com gestores das instituições a renovação de algumas parcerias além de possibilidades de desenvolvimento de novas cooperações. Acompanhado por representantes do parlamento federal e do mercado da saúde alemão, Bahr afirmou que a cooperação vai contribuir para o combate a doenças infectocontagiosas nos dois países, um problema que, segundo ele, tem sido vivenciado mais intensamente por todo o mundo, devido ao processo de globalização. “A Fiocruz é uma instituição de renome na Alemanha e nosso interesse com a Fundação seria o trabalho em conjunto entre pesquisadores brasileiros e alemães nas mesmas questões. Além disso, gostaríamos de oferecer bolsas pra pesquisadores alemães no Brasil ou vice versa,

facilitando assim o trabalho entre a Fiocruz e instituições alemãs”, afirmou.

O presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, que na ocasião fez uma breve apresentação sobre as atividades desenvolvidas pela Fundação e as diretrizes seguidas pela instituição no campo de cooperação internacional, sugeriu a ampliação de parcerias no âmbito do programa Ciência Sem Fronteiras e no setor industrial e de inovação, e de assistência farmacêutica. “Uma ideia seria analisarmos juntos como essas redes farmacêuticas são estabelecidas no Brasil e na Alemanha para propormos novas ideias e soluções na área”, disse Gadelha.

Bahr também anunciou que a cooperação da Sociedade para a Cooperação Internacional (GIZ, na sigla em alemão) no projeto de combate à Aids na América Latina e Caribe já foi concluído e propôs a extensão dessa parceria com a Fundação. “O Brasil exerceu um papel fundamental neste

projeto e muitos problemas referentes a esta doença foram resolvidos, porém, outros países ainda precisam de apoio nisso, e uma cooperação entre nós e a Fiocruz poderia ajudá-los nesta questão”, argumentou.

O coordenador do Cris/Fiocruz, Paulo Buss, sugeriu a ampliação das relações entre a Fundação e institutos de saúde alemães, por meio da elaboração de projetos conjuntos de pesquisa e da concessão de bolsas de estudo de pós-doutorado a pesquisadores dos dois países. “Falamos muito em formar esse tipo de parceria, mas ainda fazemos pouco para concretizar isso”, disse. Ele também propôs a participação da Alemanha na Rede de Institutos Nacionais de Saúde (RINS), que tem a Fiocruz entre seus participantes e envolve institutos dos países membros da Unasur (União de Nações Sul-Americanas) e da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). “Até o momento, além de países da América

Latina e da CPLP, só participam da rede países americanos. A entrada da Alemanha nessa rede seria marcante para nós, o ministério da saúde alemão poderia estar presente já na próxima reunião da RINS, isso seria muito importante”, sugeriu. Para Bahr, a possibilidade de cooperar na RINS também é bem vista pela Alemanha. “Temos muito interesse em participar dessa cooperação sul-sul com financiamento do Ministério da Cooperação e Desenvolvimento”, afirmou.

Outra possível cooperação sugerida foi no campo de zoologia (doenças transmitidas por animais domésticos). “O Brasil é um grande produtor de gado e isso, associado a obras com desvio de rios entre outras questões, tem tido forte impacto no meio ambiente, aumentando as chances de surgimento de doenças transmitidas por animais. Acho que esse campo deveria ser um dos pontos focais de futuras cooperações com a Alemanha”, sugeriu a então vice-presidente de Pesquisas e Laboratórios de Referência da Fiocruz, Claude Pirmez. Além do campo de doenças transmissíveis, de acordo com Bahr, outras áreas que requerem parcerias e são preocupantes na Alemanha são os campos de desenvolvimento de antibióticos e higiene hospitalar. Possibilidades de parcerias na área de marcos regulatórios, junto à Anvisa, para o aprimoramento do setor no Brasil, também foram discutidas.

Para Buss, a visita do ministro à Fundação revelou oportunidades de cooperação que têm grandes chances de serem materializadas. “O ministro mostrou que percebe como é importante cooperar com o Brasil, que tem a Fiocruz como instituição de enorme experiência nessas áreas debatidas no encontro. Identificamos nessa reunião tanto parcerias já existentes quanto outras áreas de cooperação que, em outros tempos, seriam impensáveis, como o campo de doenças transmissíveis”, concluiu. Mais adiante, a Fiocruz e o Ministério da Saúde alemão vão definir quem serão membros de cada país responsáveis em dar os próximos passos para a concretização das ideias propostas no encontro.

Daniel Bahr é economista e tem MBA em Gerenciamento Internacional de Hospitais e Cuidados com a Saúde. Atuou no setor financeiro e, em 2002, foi eleito para o parlamento alemão. Exerce o cargo de Ministro Federal da Saúde da Alemanha desde maio de 2011.

Cooperação Fiocruz – Alemanha

Há décadas a Fiocruz desenvolve ações de cooperação com a Alemanha. Uma das mais recentes parcerias com o país europeu foi firmada em 2011, no caso, com o Bernhard Nocht Instituto de Medicina Tropical (BNTIM), uma fundação pública - financiada conjuntamente pelo Governo da República Federal da Alemanha, o Governo da Cidade Livre e Hanseática de Hamburgo e outros governos estaduais alemães - dedicado à investigação, formação e serviços para o controle de doenças tropicais e infecções emergentes. O memorando de entendimento prevê a troca de material acadêmico, colaboração em pesquisa e publicações, organização conjunta de conferências, seminários e outros encontros acadêmicos, desenvolvimento de cursos e programas acadêmicos e intercâmbio de estudantes e pesquisadores pertencentes aos quadros institucionais.

A Fundação também tem cooperação tripartite com o país europeu em conjunto com o Uruguai com vistas ao fortalecimento do Sistema Nacional Integrado de Saúde do país sul-americano em localidades com menos de 5 mil habitantes. Para alcançar esse objetivo, a parceria é baseada em quatro eixos estratégicos: fortalecer a criação da Escola de Governo em Saúde uruguaia, aprimorar a formação dos integrantes da equipe de vigilância sanitária do país e fortalecer seus serviços de saúde rurais, por meio da formação dos profissionais de saúde e dos técnicos de saúde em gestão da atenção básica.

Em abril, uma comissão científica liderada por representantes do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD, na sigla original) visitou o Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) para identificar ao longo dos próximos meses oportunidades de parcerias no âmbito do programa Ciência Sem Fronteiras. O DAAD é o



Em encontro com gestores da Fiocruz, o ministro da Saúde da Alemanha, Daniel Bahr, propôs a ampliação de parcerias com a instituição além de novas linhas de cooperação. **Foto Peter Illiciev/CCS/Fiocruz**

parceiro alemão do programa Ciência Sem Fronteiras e, até 2015, pretende enviar 10 mil brasileiros à Alemanha com o auxílio de bolsas de graduação, doutorado e pós-doutorado.

A Fundação ainda tem parceria com a Alemanha no campo de produção de medicamentos. Por meio de transferência de tecnologia feita pela companhia farmacêutica Boehringer Ingelheim, o Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos/Fiocruz) vai iniciar a distribuição do dicloridrato de pramipexol genérico, medicamento usado no tratamento da doença de Parkinson. A iniciativa vai beneficiar cerca de 20 mil pessoas que sofrem com a doença e permitirá uma economia de R\$ 90 milhões aos cofres públicos durante os cinco anos do acordo de transferência tecnológica.

Brasil e França discutem gestão hospitalar de alta complexidade



■ O diretor de ensino da EHESP, Phillip Marin.
Foto Virginia Damas/Ensp/Fiocruz

Marina Lemle – VPAAPS, Isabela Schincariol – Ensp e Luciene Paes - Ensp

O papel dos hospitais de alta complexidade no Sistema Nacional de Saúde e o desafio da criação de dois institutos nacionais vinculados à Fiocruz - o Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF) e o Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (Ipec) - estiveram em discussão no 1º Colóquio Franco-Brasileiro de Política Hospitalar: o desafio da gestão dos centros hospitalares de alta complexidade, que ocorreu de 15 a 17 de maio no Hotel Everest, no Rio de Janeiro. O colóquio é fruto de cooperação técnica entre a Ensp/Fiocruz e a Escola de Altos Estudos em Saúde Pública da França (EHESP) – parceria apoiada pelo Cris/Fiocruz - e teve apoio da Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS/Fiocruz). O encontro teve o objetivo de propiciar a troca de experiências entre profissionais brasileiros e france-

ses em políticas e gestão da atenção hospitalar. Também estiveram na pauta do evento novas tendências em gestão da atenção hospitalar, arranjos organizacionais, sistemas de governança e o funcionamento de redes integradas nos sistemas de saúde.

Presente à mesa de abertura, o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, lembrou que os laços de cooperação do Ministério da Saúde com a França são antigos e estão sendo fortalecidos pela cooperação com a Fiocruz. Gadelha abordou as mudanças no IFF e no Ipec, que surgiram com foco na atenção à saúde nas suas respectivas áreas, incorporaram a pesquisa acadêmica e o ensino de pós-graduação e, agora, transformam-se em institutos nacionais. “Estamos buscando definir com maior clareza a missão dos institutos nacionais, levando em conta os componentes centrais da atenção, mas incorporando também as dimensões de pesquisa e ensino e da formulação de políticas de estado de atenção à saúde. Precisamos pensar a gestão não só nas tecnicidades dos

processos, mas também num sentido mais amplo e pleno, dialogando com os contextos em que os hospitais estão inseridos”, disse.

Gadelha observou que os desafios do SUS ainda se apresentam devido à sua grande abrangência - o Brasil é o único país do mundo com mais de 100 milhões de habitantes que se propõe a dar cobertura universal de saúde. O presidente acrescentou que a Fiocruz está construindo uma rede de atenção que reúne hospitais e institutos para estimular a troca de experiências técnicas de gestão, a análise dos perfis epidemiológicos e a reflexão sobre como os hospitais e institutos da Fundação se inserem no contexto maior do SUS.

Entusiasta da cooperação entre Brasil e França, o vice-presidente da VPAAPS/Fiocruz, Valcler Rangel Fernandes, mediu a mesa sobre as políticas hospitalares atuais nos dois países. Ele apontou os desafios brasileiros de escala e escopo na inserção dos hospitais num sistema de saúde com singularidades pelo seu tamanho, o quadro epi-

demológico com diversas doenças, como as cardiovasculares, o câncer e traumas por violência, e a necessidade de atenção especializada. Além disso, Rangel destacou que a população está cada vez mais exigente em relação à qualidade dos serviços.

“A população necessita e exige qualidade, segurança e relações pessoais cultivadas no momento do cuidado da atenção à saúde. Essa é uma questão fundamental para dirigentes hospitalares”, disse. Rangel acrescentou que profissionais de saúde também têm um grau de exigência e engajamento e colocam questões para a gestão, como as de logística e de modelos de financiamento. Ele citou ainda o desafio do conhecimento, no qual é preciso encontrar soluções com criatividade e inovação.

Sobre os institutos nacionais da Fiocruz, cujo processo de implantação está sob responsabilidade da VPAAPS, Rangel disse ser necessário discutir quais características diferenciadas devem ter em relação aos institutos que já existem e como formar pessoas e fazer pesquisas para atender a essas necessidades. “Estamos construindo novos hospitais que já existem, eles estão em metamorfose. Nosso entusiasmo é gerado por esses desafios. Serão três dias de troca, e este é apenas o primeiro colóquio”, concluiu.

A diretora do Departamento de Atenção Especializada da Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde (DAE/SAS/MS), Maria do Carmo, apresentou a situação hospitalar no Brasil: são, ao todo, 7.219 hospitais, sendo 4.266 (59%) privados e 2.953 (41%) públicos. A maioria dos hospitais públicos é municipal (76%).

Segundo o levantamento do MS, 97% dos leitos públicos estão vinculados ao SUS e 70% dos leitos dos hospitais privados. Do total de 417 mil leitos, 350 mil são vinculados ao SUS (85%). A maioria dos hospitais (58%) possui menos de 50 leitos, e a maior concentração deles está no Nordeste. A maioria dos hospitais de pequeno porte (menos de 30 leitos) é público municipal (91,7%). A maior parte dos hospitais de grande porte (acima de 500 leitos) está na região Sudeste (48,9%). A maioria dos leitos de UTI está localizada em hospitais acima de 100 leitos (88,8%) e em hospitais públicos estaduais (61,3%).

Maria do Carmo disse que a atenção à saúde hoje no país segue um

modelo médico-hegemônico, centrado em procedimentos, voltado para atenção aos quadros agudos, organizado por demanda espontânea, é fragmentado e desarticulado. O novo modelo para a atenção hospitalar, de acordo com Maria do Carmo, deve buscar humanização, qualidade, eficiência e atuação em rede. “A atenção básica e de alta complexidade devem ser complementares na integralidade do cuidado, dentro do mosaico epidemiológico que existe no país”, afirmou.

Redes de atenção: Brasil deve reestruturar gestão

Entre os principais temas debatidos no segundo dia do encontro, discutiram-se a reforma hospitalar no Brasil; a evolução desse sistema na França; a organização das redes de atenção e a assistência hospitalar de alta complexidade; a estratégia de contratualização na política hospitalar brasileira; e os novos arranjos para a organização interna dos hospitais. Para o pesquisador da Ensp/Fiocruz, Victor Grabois, que esteve presente nos debates, é urgente pensar na governança em rede e na tentativa de superar o grande nível de fragmentação dos sistemas de saúde brasileiros.

Phillip Marin, diretor de ensino da Ecole des Hautes Etudes en Santé Publique (EHESP), da França, apontou que, após muitas transformações e o desenvolvimento de algumas leis, os hospitais franceses passaram a ser operadores complementares da rede de atenção. Assim, tornaram-se um dos elos que trabalha e colabora com os outros equipamentos de saúde. A relatora-geral do Pacto de Confiança e Assistência Social, Claire Scotton, falou sobre a reestruturação das relações leis entre Estado, hospitais e gestores. Segundo ela, esse pacto também tem foco no estabelecimento da confiança entre os profissionais de saúde.

Sobre as tendências na organização e no funcionamento da atenção hospitalar, Claire comentou que fusões e reagrupamentos não podem ser vistos como mágica ou milagre para a gestão. Devem ser realizados com bastante consciência, pois as características e distâncias geográficas podem ser fatores limitantes da reestruturação. No que tange à cooperação e ao reagrupamento hospitalar, o diretor de gabinete da

Federação Hospitalar Francesa (FHF), Cedric Arcos, disse que toda contribuição visa à melhoria da qualidade do cuidado medido. Para tanto, a FHF assume o papel de protagonista, com o objetivo de ser uma força que articula o sistema nacional de saúde e as ações entre operadores nacionais de saúde.

Para o pesquisador da ENSP Victor Grabois, integrante dessa mesa de discussão, é preciso pensar se haveria algum futuro para os hospitais fora da lógica de rede. “Ainda que tenhamos de melhorar as políticas, é necessário analisar como elas se relacionam com outras políticas públicas existentes. Hoje, temos um sistema de saúde bastante fragmentado e com baixa resolutividade na atenção primária, ainda que tenhamos implementado uma série de estratégias para suprir esse *gap*. Portanto, as definições de escopo e perfil devem ser desenvolvidas e tomadas coletivamente, envolvendo não apenas os hospitais, mas todos os outros equipamentos nos demais níveis de complexidade”, disse ele.

“Muito se avançou com o passar dos anos. Porém, ainda não temos uma política que direcione a atenção hospitalar”, disse Ana Paula Silva Cavalcante, coordenadora-geral de Atenção Hospitalar, do Ministério da Saúde, no debate sobre a contratualização na política hospitalar brasileira. Segundo ela, o Brasil possui, ao todo, 4.266 hospitais privados e 2.953 públicos, dos quais quase 80% são municipais. Apenas 0,8% dos hospitais brasileiros, revelou ela, são de grande porte, ou seja, possuem mais de 500 leitos, e o número de unidades acreditadas é insignificante.

A pesquisadora da Ensp/Fiocruz, Sheila Lemos, explicou que o objetivo da utilização dos arranjos contratuais na saúde visa possibilitar um melhor desempenho desses prestadores e incrementar a prestação das contas sobre os resultados para usuários, financiadores e governo. Para ela, existe um incentivo inadequado para tais prestadores, e o grande questionamento está relacionado à estruturação de um sistema de incentivos para induzir o prestador a agir de acordo com o desejado pelo contratante. A pedido do Ministério da Saúde, desenvolveu-se uma pesquisa para avaliar o processo de implementação da contratualização dos hospitais de ensino e filantrópicos, da qual Sheila Lemos participa.

As considerações finais da pesquisa indicam a necessidade de revi-

são do processo, a elaboração e monitoramento dos contratos, que contemplem outras dimensões com maior foco para a qualidade assistencial, ensino e pesquisa; a revisão da metodologia de estimativa do financiamento; práticas e mecanismos de monitoramento incrementados com a incorporação de visitas regulares nos hospitais; estruturação de sistemas de informação, entre outros. “Não há, ainda, o monitoramento contínuo do conjunto de experiências contratuais em cursos no Brasil. Esse é um processo complexo, e o conhecimento de riscos e benefícios ainda está sendo acumulado”, finalizou.

Encerrando o segundo dia do evento franco-brasileiro, a quarta mesa de discussão abordou os novos arranjos para a organização interna dos hospitais. A professora Laetitia Laude, do Instituto de Gestão da EHESP, comentou que a organização em polos é um reagrupamento de unidades. Segundo ela, quanto mais os médicos estiverem envolvidos na reforma dos hospitais, nesse modelo de organização, melhor será a sua administração, pois eles são os profissionais mais preparados para inovar no percurso do cuidado por estarem diretamente envolvidos no processo.

Sobre a organização do hospital em linhas de cuidado, o professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Túlio Franco afirmou que o cuidado se produz por meio do trabalho multiprofissional, em que a ação de cada um se combina e é parte do processo terapêutico como um todo. “Os profissionais já exercem suas funções dividindo-as em linhas, isto é, imperativo ao trabalho do ser humano. A organização dos hospitais nesse modelo é apenas uma forma de institucionalizar o que é empírico”, concluiu.

Mudanças organizacionais em centros hospitalares

No último dia do colóquio ocorreram três mesas de apresentação e debate. Em pauta, temas como mudanças organizacionais em centros hospitalares de alta complexidade; como deve ser um hospital do futuro; e a construção de hospitais eficientes.

A primeira mesa teve como tema Os processos de mudança organizacional em centros hospitalares de alta complexidade. O ortopedista do Instituto de Trau-



■ A pesquisadora da Ensp, Creuza da Silva Azevedo, falou sobre a formação dos dirigentes hospitalares do SUS. Foto Virginia Damas/Ensp/Fiocruz

matologia e Ortopedia (Into/Ministério da Saúde), Tito Henrique de Noronha Rocha, apresentou a experiência desse hospital, que tinha 20.860 pessoas à espera de uma cirurgia em 2005. A nova sede, inaugurada em 2011, tem aproximadamente 70 mil metros quadrados de área, e a anterior contava apenas com 14 mil. Houve acréscimo de mais de 177 leitos, além do aumento de salas cirúrgicas e consultórios. Tito destacou que a transferência de pacientes, inclusive de Unidade de Terapia Intensiva, foi realizada sem nenhuma intercorrência, além do início das atividades na nova sede ocorrerem sem eventos adversos. Acreditado internacionalmente pela JCI/Consórcio Brasileiro de Acreditação (CBA) e integrante da Rede Sentinela e da Rede de Hospitais Sustentáveis, o Into inaugurou, ao longo de 2011, ambulatório, reabilitação e centro cirúrgico.

A experiência do Centro Hospitalar Universitário (CHU) da Ilha de Nantes, França, foi apresentada por Christiane Coudrier e Gilles Potel, ambos do CHU. Composto de sete hospitais, localizados em Nantes e arredores, o centro hospitalar era caracterizado por uma dispersão geográfica das atividades como hospital, escola e laboratórios de pesquisa, e três grandes hospitais saturados, além de forte concorrência privada. “O CHU dificilmente podia desenvolver atividades atraentes e bem pagas. Seus edifícios são obsoletos, de manutenção cara, porque foram projetados como hospitais no período de 1960 a 1980”, disse Christiane.

O novo Plano Diretor que previu a reestruturação do espaço teve como objetivos acompanhar um projeto médico inovador com a consolidação dos

serviços em cinco unidades de saúde clínica; promover ligações entre o grupo de atendimento e cuidado ao paciente, ensino e pesquisa; procurar um local coerente com a intensidade das relações entre os polos de emergência, já que são 100 mil entradas de emergência anuais; usar plataformas técnicas; atentar para o fluxo de pacientes especializados com atendimento programático e marcado; reforçar a atração para o CHU em termos ambulatorial; ofertar serviços urbanos como hotéis, entre outros. Segundo Christiane, foram dez anos de estudo de cenários e viabilidade de investimento, custo e questões operacionais, e dois anos para validação do projeto, atividades, localização, dimensão e custo.

A mesa também teve a presença do professor da Universidade de Campinas, Gastão Wagner, que falou sobre os desafios da mudança nos hospitais públicos brasileiros. Para ele, a base da mudança está no sujeito. “O hospital público não é negócio, sua gestão é mais complicada e precisa ser pensada em rede, aliada à política nacional do Sistema Único de Saúde”, completou.

A segunda mesa - a profissionalização da gestão e a formação dos dirigentes como estratégia fundamental no processo de mudança organizacional - trouxe o diretor-geral da Federação Internacional de Hospitais (FIH), Eric Rondenebeke. Segundo ele, os objetivos da FIH são profissionalizar a gestão dos serviços de saúde; aumentar as competências de gestão e de direção dos serviços de saúde e apoiar os quadros existentes e tentar melhorá-los; desenvolver um quadro internacional de identificação das competências universais de

gestão e liderança; utilizar esse quadro para reforçar a formação, emprego e promoção dos gestores que trabalham na área da saúde; incentivar os formuladores de políticas de saúde para desenvolver uma verdadeira carreira na gestão da saúde; e promover o papel das associações de gestores de saúde.

A formação dos dirigentes hospitalares do SUS foi a questão debatida pelos pesquisadores da Ensp/Fiocruz, Creuza da Silva Azevedo e Walter Mendes. De acordo com a pesquisadora, não há desenvolvimento democrático sem administração profissional. Para obtenção de uma massa crítica de dirigentes, é preciso, segundo ela, adotar programas de desenvolvimento diretivo combinando recrutamento, remuneração, carreira e formação. Ela disse que a função diretiva é um lugar de interface entre gestão do espaço político, gestão estratégica e gestão operacional.

Ela citou a experiência exitosa da Ensp/Fiocruz, que oferece formação para gestores. São cursos de aperfeiçoamento em Gestão em Saúde a distância; aperfeiçoamento em Gestão Hospitalar; especialização em Gestão Hospitalar; e pós-graduação em Saúde Coletiva – mestrado e doutorado. Conforme informou Walter, o SUS abarca 5.183 hospitais e 139 deles são unidades com mais de 300 leitos: “O desafio atual é definir um modelo hospitalar público brasileiro”.

Roland Ollivier, da EHESP da França, expôs dados sobre uma pesquisa realizada em 2011 com líderes e gestores de hospitais. Segundo ele, as habilidades para formação desses profissionais devem considerar a amplitude da mudança da área geográfica do hospital, os ciclos de transformação nas organizações cada vez mais curtos, a eficiência da investigação em curso e o aumento da responsabilidade social. Ele citou três grandes competências a serem desenvolvidas: gerenciar e controlar a conduta de mudança, garantir a mobilização dos atores e organizar a cooperação entre os atores. Outra percepção importante da pesquisa é que 75% dos entrevistados consideraram como atitudes e valores primordiais dos dirigentes de hospitais a capacidade de lidar com a equipe.

O diretor de Ensino da EHESP, Phillipe Marin, descreveu os princípios da Escola, cujo recrutamento se dá por concurso com quatro provas escritas e três provas orais. A formação desses pro-

fissionais tem três dimensões na formação: cultural, humana e profissional. São três métodos de implantação de formação: dimensão acadêmica e profissional, aprendizagem e desenvolvimento da lógica de habilidades gerenciais individuais, e papel de tutoria e treinamento. A perspectiva é fortalecer a formação conjunta com outras partes interessadas nas decisões em instituições entre presidentes de polos líderes, diretores e gerentes seniores de atendimento.

O Hospital do Futuro

A última mesa do evento, intitulada O Hospital do Futuro, iniciou com o diretor-geral da Federação Internacional de Hospitais, Eric de Roodenbeke, que, dessa vez, falou sobre a construção de hospitais eficientes. Ele apresentou 12 fatores-chave a respeito da situação de saúde dos países que pesquisou. São eles: aumento do envelhecimento da população, melhorias de condições de vida e de habitação, futuro aumento do número de migrantes de diferentes culturas, hospitais mais abertos à vida social da cidade, preocupações ambientais e aumento dos custos dos serviços de utilidade pública, mudanças de tecnologia da informação remodelando as organizações de saúde, medidas de segurança do paciente, entre outros.

O projeto arquitetônico do Com-

plexo dos Institutos Nacionais de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente e de Infectologia (CIN) da Fiocruz foi exposto pelo assessor da presidência e coordenador técnico do projeto. Leonardo Lacerda explicou que essa ideia surgiu da necessidade de adequar a estrutura dos institutos, não havendo condições de manter onde estavam cada uma das unidades. Serão ocupados 38 mil metros quadrados da área (35% do terreno), localizado em São Cristóvão, RJ. “O projeto arquitetônico vai adaptar-se à topografia do lugar”, esclareceu. Além disso, várias intervenções urbanas vão ocorrer na região por causa dos eventos das Olimpíadas e Copas das Confederações e do Mundo. Estão previstas estratégias de eficiência energética e sustentabilidade. O prédio contemplará áreas de assistência, pesquisa, ensino, gestão, alojamento, creche, almoxarifado, estacionamento e central de utilidades. O custo do projeto está previsto para cerca de R\$140 milhões. As obras devem ser iniciadas em meados de 2014.

Ao fim do evento, formou-se uma mesa de perspectivas de cooperação 2013-2014 com representantes do Ministério da Saúde do Brasil, Ensp/Fiocruz, instituições francesas e Embaixada e Consulado da França no Brasil. De acordo com a declaração de intenções entre Ministérios da França e do Brasil, será assinado um acordo prevendo vários temas de cooperação na área de saúde.



■ Membros da Ensp e da EHESP, que participaram do 1º Colóquio Franco-Brasileiro de Política Hospitalar. Foto Virginia Damas/Ensp/Fiocruz



- O vice-presidente de desenvolvimento e pesquisa da TB Alliance, Carl Mendel, apresentou as principais iniciativas da organização no combate à tuberculose e chamou atenção para o que, segundo ele, é o principal desafio na luta contra a doença: a falta de incentivo comercial. **Foto Peter Illiciev/CCS/Fiocruz**

TB Alliance e Fiocruz promovem diálogo em busca de novas soluções no combate à tuberculose

Danielle Monteiro - CCS

Com o intuito de discutir possíveis ações para o combate à tuberculose, a Fiocruz promoveu, nos dias 13 e 14 de maio, um encontro entre a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos (SCTIE) do Ministério da Saúde, a direção da Aliança Global de Desenvolvimento de Drogas para Tuberculose – Aliança TB (*Global Alliance for TB Drug Development – TB Alliance*, em inglês) e pesquisadores de várias instituições brasileiras que atuam em ensaios clínicos de novas drogas e regimes terapêuticos contra a doença. A TB Alliance, que tem como presidente de seu Conselho de Diretores o diretor do CDTS/

Fiocruz, Carlos Morel, é uma organização internacional sem fins lucrativos que busca curas mais eficientes, rápidas e acessíveis para a doença.

Na abertura do encontro, o presidente e diretor executivo da TB Alliance, Melvin Spigelman, fez uma apresentação sobre a história e ações da organização e traçou um panorama da tuberculose. Os dados apresentados sobre a incidência da doença no mundo são preocupantes: dois bilhões de pessoas estão infectadas pela tuberculose multirresistente, são registrados nove milhões de casos de tuberculose ativa por ano, 1,5 milhão morrem por conta da doença anualmente, 12 milhões apresentam co-infecção HIV-tuberculose, e a

enfermidade é a doença infecciosa que mais mata soropositivos e mulheres em idade fértil.

A baixa eficácia, a longa duração e a interação com medicamentos para HIV em pacientes co-infectados, contou Spigelman, agravam esse quadro: “O tratamento para tuberculose sensível inclui quatro comprimidos e dura 26 meses, para tuberculose resistente há poucos medicamentos eficazes, alguns são injetáveis e apresentam alta toxicidade, e para as crianças são geralmente usadas fórmulas inapropriadas”. Foi essa realidade que, segundo ele, motivou a criação da TB Alliance. A organização tem como principal missão encontrar e desenvolver novos e mais eficazes medicamentos

para a tuberculose, além de garantir que novos tratamentos sejam adotados, tenham amplo acesso e cheguem ao mercado com preços acessíveis. “Percebemos que são necessárias novas drogas para todos os tipos de casos da doença”, justificou.

Spigelman revelou que a organização tem desenvolvido novos tratamentos mais eficazes e de menor duração (de dois a quatro meses). O tratamento para a doença disponível no mercado dura de 6 a 30 meses e a dificuldade de aderência dos pacientes ao complexo regime de medicamentos tem provocado o desenvolvimento de cepas cada vez mais resistentes e mortais. “Nosso objetivo é conseguir desenvolver um regime de tratamento que inclua o menor número de comprimidos possível e leve somente de sete a dez dias. Para obtermos sucesso, são necessárias novas e variadas combinações de medicamentos”, disse.

Novos e melhores tratamentos em vista

Para alcançar seu objetivo, a *TB Alliance* realiza uma série de experimentos com uma gama diversificada de substâncias que, transformadas em um único componente, podem dar origem a novos e potenciais regimes de medicamentos. “Acreditamos que os medicamentos que desenvolvemos são mais eficientes e rápidos que os atuais. Até agora conseguimos atingir a duração de tratamento de seis semanas em animais e vamos começar a testar esse experimento em humanos para ver se a duração é a mesma, o que deve acontecer no ano que vem, dependendo de quanto tempo o processo regulatório levar”, adiantou o vice-presidente de desenvolvimento e pesquisa da organização, Carl Mendel. Ele acredita que a não aderência ao tratamento deve ser atribuída aos próprios medicamentos. “Em alguns locais, os pacientes são culpados por provocar a resistência à doença, pois alguns não aderem ao tratamento ou não seguem as orientações médicas. Mas esse problema não deve ser atribuído a eles, mas sim aos medicamentos, que ainda não são bons o suficiente”, defendeu.

O primeiro teste de regime de medicamentos conduzido pela organização, denominado NC-001, mostrou que o regime experimental com PaMZ - que inclui os compostos PA-824 moxilo-



■ O CDTS/Fiocruz vai apoiar a parceria entre a TB Alliance e a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. O acordo terá como foco o desenvolvimento de novos fármacos e regimes terapêuticos contra a tuberculose. **Foto Peter Illiciev/CCS/Fiocruz**

xacin e pyrazinamide - mata mais bactérias do que o atual tratamento para tuberculose durante as primeiras duas semanas de uso. Os resultados foram publicados na revista *The Lancet* em 2012. A descoberta pode vir a tratar inclusive os infectados com tuberculose multirresistente, eliminar a necessidade de uso de drogas injetáveis e, com isso, reduzir em 90% o custo do tratamento para esse tipo de pacientes. Mendel contou que, nos experimentos com combinações de drogas indicadas para o tratamento de pacientes infectados pela tuberculose causada pela *mycobacterium tuberculosis*, somente pacientes sensíveis às drogas participam dos testes clínicos. “Os pacientes devem ser tratados com base em sua sensibilidade, e não em sua resistência”, disse.

No dia mundial de combate à tuberculose, no ano passado, a TB Alliance deu início ao experimento com outro regime de medicamentos, denominado NC-002, a fim de testar o PaMZ por dois meses em pacientes com tuberculose e tuberculose multirresistente. O experimento, o primeiro a testar a capacidade de um único regime para tratar ambos os casos, tem atualmente a participação de pacientes de várias regiões. Os resultados, se promissores, vão levar à fase III do estudo, que envolve ensaios de registro do regime com PaMZ. No mesmo ano a organização também iniciou experimentos com uma terceira combinação de medicamentos que envolve quatro regimes de segunda geração com o potencial de reduzir para duas semanas o tratamento para tuberculose e sua forma resistente. “Esse ano também começamos a traçar pla-

nos para garantir que regimes de medicamentos novos e já existentes cheguem a crianças com tuberculose o mais rápido possível”, adiantou Mendel.

Para ele, o grande desafio na luta contra a doença é a falta de incentivo comercial. “A maioria dos medicamentos testados falham ou porque não funcionam ou por questões de segurança. O grande problema é que não há drogas suficientes, porque não há empresas suficientes para fabricá-las, devido à insuficiência de incentivos comerciais”, explicou. Segundo Mendel, o impacto de estudos como esses será enorme para o Brasil e outros países em desenvolvimento, regiões que de fato são acometidas pela doença. “Esperamos que, com o desenvolvimento de um regime mais eficaz, mais fácil e menos caro, tenhamos como resultado a erradicação da tuberculose e a ausência de resistência aos medicamentos”, finalizou.

Ao final do encontro, que também contou com apresentação das atividades desenvolvidas no campo da tuberculose por cada uma das instituições participantes, foi recomendado o estabelecimento de uma parceria formal entre a SCTIE e a TB Alliance, com o apoio do CDTS/Fiocruz e o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inovação em Doenças Negligenciadas (INCT-IDN). “A ideia é constituir um plano estratégico com ações prioritárias para o fortalecimento da capacidade nacional nestes ensaios clínicos com vistas ao desenvolvimento dos novos fármacos e regimes terapêuticos tão necessários à luta contra esta enfermidade ainda tão prevalente em nosso país”, afirmou o diretor do CDTS/Fiocruz, Carlos Morel.

Universidade Pierre et Marie Curie e Fiocruz vão elaborar cursos de pós-graduação para pesquisadores brasileiros e franceses

Danielle Monteiro - CCS

O presidente da universidade francesa Pierre et Marie Curie (UPMC), Jean Chambaz, se reuniu em 10 de maio com gestores e pesquisadores da Fiocruz para discutir a elaboração dos cursos de pós-graduação em bioterapia e de matemática aplicada à biologia que as duas instituições pretendem desenvolver em conjunto ainda esse ano. Segundo Chambaz, a elaboração dos cursos de pós-graduação nessas áreas será muito benéfica tanto para o Brasil quanto para a França. “A biologia está mudando rapidamente. Estamos coletando dados novos nesta área e agora precisamos urgentemente da contribuição de matemáticos e de pessoas da ciência da computação para interpretá-los para que, com isso, possamos construir a biologia do futuro. Isso é muito desafiador para ambos os países”, argumentou.

Para o diretor do IOC/Fiocruz e coordenador do Laboratório Internacional Associado (LIA) Fiocruz/UPMC/Inserm, Wilson Savino, a elaboração dos cursos de pós-graduação em comum, principalmente na área de terapia celular, vai permitir um esforço conjunto em uma área científica contemporânea e muito importante para a medicina investigativa e medicina clínica do futuro. Ele destacou que estudos no campo de terapia celular são atualmente uma das prioridades do Ministério da Saúde e também da Fundação, que se lança cada vez mais para temas relevantes de medicina investigativa. “A terapia celular está sendo cada vez mais usada como alternativa a determinadas doenças neurodegenerativas, sejam elas crônicas ou agudas, e também doenças do músculo cardíaco, como enfarte, ou degenerativas do músculo, como as distrofias musculares. Daí a importância da formação e de estudos nesse campo”, justificou.

O presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, lembrou da forte tradição de cooperação entre as duas instituições, a qual já rendeu diversos frutos, entre eles, o Laboratório Internacional Associado de

Imunoterapia e Terapia Celular, criado em 2011 em parceria com o principal centro francês de pesquisa biomédica, o Instituto Nacional Científico e de Pesquisa Médica (Inserm, na sigla em francês). Trata-se de um laboratório “sem paredes” que com a união das experiências brasileira e francesa realiza projetos científicos comuns em imunologia, biologia de músculo esquelético e distrofias musculares. “Estamos ampliando nossa parceria agora por meio de um componente muito importante na área de ensino, a pós-graduação, a qual tem um potencial enorme que vai além da própria formação, dando estímulo à pesquisa e à renovação de liderança”, disse.

A previsão é de que a pós-graduação em bioterapia celular seja iniciada em setembro desse ano e o mestrado de biomatemática em 2014. “A ideia é que a parceria envolva instituições de financiamento, como a Capes, além de outros renomados institutos do Rio de Janeiro, ainda a definir”, adiantou o assessor do Cris/Fiocruz, Vincent Brignol. Pesquisadores das duas instituições vão se encontrar mais adiante para definir os detalhes e pontos focais dos dois cursos.

Cooperação Fiocruz – UPMC

Parceiras há oito anos, a Fiocruz e a UPMC tem procurado cada vez mais estreitar suas relações de cooperação. Durante visita do presidente da universidade francesa em dezembro do ano passado, as duas instituições acordaram em, juntamente com o Inserm, renovar o convênio do Laboratório Internacional Associado (LIA) de Imunoterapia e Terapia Celular para os próximos quatro anos. A renovação do projeto vai permitir a realização de novos estudos so-



■ Uma das universidades mais antigas da França, a UPMC pretende estreitar relações com Fundação, por meio da elaboração conjunta de novos cursos de pós-graduação e parcerias no campo de neurociências. **Foto UPMC**

bre a distrofia muscular de Duchenne que visam à melhoria da qualidade de vida das pessoas que sofrem com o mal. A doença provoca degeneração muscular e afeta somente meninos. O diretor do IOC/Fiocruz e coordenador da iniciativa no Brasil, Wilson Savino, conta que, em 2014, será iniciado um ensaio clínico da doença com o uso de um inibidor da molécula VLA4, visando à inibição da inflamação muscular que acelera o agravamento da enfermidade.

A Fiocruz e a UPMC também pretendem atuar em conjunto na área de neurociências. Para isso, foi feito no começo desse ano um levantamento de interesses específicos com pesquisadores da Fundação no campo. Os resultados foram apresentados em junho na França. Será realizada, no segundo semestre desse ano, uma oficina com pesquisadores franceses na Fundação para a elaboração de um plano de trabalho para uma cooperação científica no campo.

Fiocruz sela parceria com Universidade de Glasgow para a elaboração de projetos

Danielle Monteiro - CCS

Representantes do ICC/Fiocruz Paraná e da Universidade de Glasgow, da Escócia, selaram um acordo com vistas ao intercâmbio de informações, pesquisadores e estudantes de pós-graduação; elaboração de projetos de pesquisa; e organização de simpósios e seminários na área de parasitologia molecular e outros campos de interesse mútuo. A parceria, firmada em 9 de maio, foi motivada pela atuação de pesquisadores da Fundação na área de parasitologia molecular da universidade nos últimos meses.

“A universidade é um centro de excelência, que tem uma infraestrutura muito boa para o trabalho neste campo, e a Fundação tem várias equipes que trabalham nessa área. Eles são muito bons no que diz respeito ao desenvolvimento de ferramentas genéticas para o trabalho com parasitas”, justificou o diretor do ICC/Fiocruz Paraná, Samuel Goldenberg. Segundo ele, a parceria será de grande valia para o Brasil, já que o país é acometido por várias doenças provocadas por parasitas, como mal de Chagas, malárias e outras doenças negligenciadas. “Por meio do conhecimento de processos biológicos básicos, poderemos identificar novos alvos terapêuticos, como medicamentos e vacinas, para o combate a estas enfermidades no país”, explicou.

Segundo o professor do Instituto Wellcome Trust do Departamento de Parasitologia Molecular e Doenças Negligenciadas da Universidade de Glasgow, Jeremy Montram, a proposta é estabelecer uma cooperação em diversas áreas da parasitologia molecular. “Nossa intenção é cooperar nos campos de infecção e imunologia, virologia molecular e clínica e bacteriologia. Além disso, dispomos de certos tipos de tecnologia que poderiam ser usados em qualquer área da biologia, o que contribuiria com o desenvolvimento de mecanismos para a produção de novos medicamentos e tecnologia de imagem no Brasil”, disse.

O vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde (VPPIS/Fiocruz), Jorge Bermudez, propôs que as instituições também desenvolvam ações conjuntas na área de doenças crônicas não transmissíveis, como o câncer, uma vez que o objetivo da Fundação é ampliar suas ações



■ O professor do Instituto Wellcome Trust do Departamento de Parasitologia Molecular e Doenças Negligenciadas da Universidade de Glasgow, Jeremy Montram, em apresentação sobre a universidade na Fundação. **Foto Peter Illiciev/CCS/Fiocruz**

para além do campo de doenças infecciosas. “A Fiocruz já tem extensa parceria com o Instituto Nacional do Câncer (Inca) e seria interessante trabalharmos nesse campo também com a universidade”. Ele ainda destacou que colaborações na área de nanotecnologia e sua aplicação no desenvolvimento de kits diagnósticos, medicamentos e vacinas também seria válido. “Todo o ciclo de inovação na Fiocruz se enriquece muito na cooperação com esta universidade e isto terá relevante impacto no sistema de saúde brasileiro, pois tudo que fazemos na Fundação é para o SUS”, acrescentou.

Também presente no encontro, o diretor do CDTS/Fiocruz, Carlos Morel, sugeriu que a cooperação entre as duas instituições também seja voltada a estudos sobre dengue. “Como não há casos dessa doença lá, essa parceria daria a eles uma oportunidade de fazer um trabalho de campo no Brasil, utilizando a Fiocruz como um bom campo de trabalho em conjunto”, disse. Ele também salientou que a parceria pode contribuir para reduzir a lacuna entre produção de conhecimento e inovação. “A produção em pesquisa fica restrita à publicação de teses e artigos, são raros os casos em que esse conhecimento é aproveitado e colocado em prática. Não podemos focar somente na produção de pesquisa e é preciso que eles explorem ao máximo todo o potencial que uma instituição tão séria como a Fiocruz tem”, propôs.

Universidade de Glasgow

Fundada em 1451, a Universidade de Glasgow é a quarta instituição universitária mais antiga entre países de língua inglesa no mundo. A universidade, que tem ampla atuação no desenvolvimento de pesquisas em diversas áreas, principalmente no campo de parasitologia molecular, oferece mais de 900 cursos de graduação e acima de 300 programas de pós-graduação em variadas disciplinas. Seu Instituto de Infecção, Imunidade e Inflamação conta com quatro centros de pesquisa que desenvolvem atividades nas áreas de imunologia e inflamação, parasitologia, bacteriologia e virologia. Um de seus centros de pesquisa mais conhecidos é o Wellcome Trust Centre for Molecular Parasitology (WTCMP), que estuda os processos básicos (biologia e interações entre hospedeiro e vetor), as diferenças e propriedades dos parasitas causadores da malária, tripanosoma, toxoplasma e leishmaniose visando o combate das doenças por eles causadas, as quais acometem principalmente países em desenvolvimento.

Segundo a vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação (VPEIC/Fiocruz), Nísia Lima, a cooperação será uma oportunidade de a Fundação organizar melhor sua participação no programa Ciência Sem Fronteiras. “Temos que nos organizar para termos uma participação menos individualizada e mais institucional, é importante que a ida dos estudantes da Fundação à Glasgow esteja associada a um projeto de pesquisa”, disse. Em abril do ano que vem a Fiocruz e a universidade vão promover um workshop com pesquisadores de ambas instituições para definir suas linhas de cooperação e o passo a passo da parceria.

“Esta convergência científica da Universidade de Glasgow com a Fiocruz no campo da medicina molecular é importante para que possamos desenvolver parcerias produtivas para nossos pesquisadores e estudantes e também inovadoras para o Brasil, principalmente no tocante às doenças infecciosas e negligenciadas”, finalizou o coordenador técnico do Cris/Fiocruz, José Roberto Ferreira.



■ A diretora de Conhecimentos Tradicionais e Saúde Global da WIPO Re:Search, Konji Sebati, e o vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde, Jorge Bermudez. Foto Cris/Fiocruz

Fiocruz vai ampliar parcerias em plataforma de acesso a medicamentos para doenças negligenciadas

Danielle Monteiro - CCS

A Fiocruz é uma das integrantes do consórcio mundial WIPO Re:Search, criado em 2011 pela Organização Mundial de Propriedade Intelectual (Ompi) para assegurar e ampliar o acesso em escala global a medicamentos para doenças negligenciadas. A fim de identificar potenciais áreas de interesse mútuo e ações conjuntas no âmbito do consórcio, o vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde (VPPIS/Fiocruz), Jorge Bermudez, e membros do Cris/Fiocruz e de outras unidades da Fundação se reuniram, no dia 14 de junho, com a diplomata da África do Sul e diretora de Conhecimentos Tradicionais e Saúde Global da WIPO Re:Search, Konji Sebati. A VPPIS/Fiocruz é o ponto focal da relação da Fundação com o consórcio.

O escopo do trabalho da WIPO Re:Search está restrito a 17 doenças negligenciadas - com inclusão de malária e tuberculose - classificadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Durante a reunião a Fiocruz acordou em rever seu portfólio de inovação para averiguar quais produtos dispõe no campo dessas doenças visando sua ampliação a outros países; em verificar e ampliar as cooperações que tem sido feitas no campo de produção de vacinas; e em analisar possíveis parcerias que podem ser feitas no âmbito do programa Ciência sem Fronteiras. Outra proposta é, juntamente com a TB Alliance – organização internacional sem fins lucrativos que busca curas

mais eficientes, rápidas e acessíveis para a tuberculose - checar os medicamentos pediátricos e de curto regime que têm sido desenvolvidos em conjunto voltados à forma resistente da doença.

Além disso, a Fundação, por meio do Cris/Fiocruz, se comprometeu em identificar todas as cooperações que tem com países africanos, a fim de verificar as ações que podem ser ampliadas ao consórcio, e ainda estreitar a relação com a Rede Africana para Inovação em Diagnósticos e Medicamentos (Andi, na sigla em inglês), também integrante da plataforma. Outra ideia seria verificar quais dos 23 acordos estabelecidos entre instituições participantes da WIPO Re:Search poderiam contar com a participação da Fiocruz como usuária da tecnologia de forma a ampliá-la não somente ao Brasil mas também a toda a América Latina.

A WIPO Re:Search pode eliminar patentes ou outras formas de proteção de medicamentos usados no combate a doenças negligenciadas e, com isso, facilitar o acesso ao tratamento para doenças como tuberculose e malária. Única instituição brasileira convidada pela OMPI para integrar o consorcio, a Fiocruz integra a iniciativa nas três categorias: como provedor, usuário e apoiador, podendo assim conceder e utilizar a tecnologia disponibilizada na plataforma. Segundo Bermudez, uma das grandes contribuições prestadas pela Fundação no âmbito do consórcio foi a proposta de inclusão da tuberculose e malária no escopo de trabalho da plataforma e a sugestão da participação não somente de países de baixa renda mas também de média renda no consorcio.

Possibilidades de cooperação com institutos de saúde e universidades finlandesas

Danielle Monteiro - CCS

Em encontro com membros do Cris e de Bio-Manguinhos em 20 de maio, um grupo de representantes do Ministério da Educação e de institutos de ensino superior da Finlândia mostraram interesse em desenvolver coo-

perações com a Fundação nas áreas de *e-health* (práticas de cuidado em saúde apoiadas pela comunicação e processos eletrônicos) em regiões amazônicas; governança em saúde; prevenção e educação em saúde; produção de vacinas; e no âmbito do programa Ciência sem Fronteiras. “Vimos a importância crescente do Brasil em áreas diferentes inclusive na saúde. Sabemos que a Fiocruz tem uma qualidade muito alta em pesquisa e nós temos pesquisa médica de alta qualidade, além de um bom sistema de cuidado e governança em saúde. A ideia é que ambas as partes se beneficiem dessa cooperação”, comentou Tina Vihma-Purovaara, do Ministério da Educação e Cultura do país nórdico. “O objetivo da Fundação vai em direção aos nossos valores de sistema público de saúde, que são a igualdade e a equidade”, acrescentou.

Tina comunicou que esse ano será realizada uma reunião dos altos escalões dos Ministérios da Educação e das Relações Exteriores na Finlândia para a definição das linhas gerais e bases para futuras cooperações bilaterais. Esse encontro poderá favorecer o estabelecimento de pontes com o Brasil, através da Fiocruz, atualmente restritas ao setor de governança em saúde no âmbito do projeto EU – LAC Health. Será ainda elaborado um relatório com as áreas e projetos de interesse do país nórdico que possam estar dentro das potencialidades da Fiocruz. A partir do documento, será programado um workshop, que deve ser realizado em outubro, já com as áreas e responsáveis definidos para aprofundar os projetos de cooperação mútua.



■ A representante do Ministério da Educação e Cultura da Finlândia, Tina Vihma-Purovaara, e o diretor do Centro de Mobilidade Internacional, Samu Seitsalo, em encontro no Cris/Fiocruz. Foto Cris/Fiocruz



Membros do Cris/Fiocruz em encontro com representantes da Universidade CES. Foto Cris/Fiocruz

Membros de universidade colombiana se reúnem no Cris

Thiago Oliveira - Cris

O reitor José María Mejía e o coordenador de Relações Internacionais, Juan Arroyale, da Universidade CES, da Colômbia, visitaram a Fiocruz no dia 24 de maio. Os visitantes foram recebidos no Cris pela coordenadora de pós-graduação da Vice Presidência de Ensino, Informação e Comunicação (VPEIC/Fiocruz), Cristina Guilam, com a presença de representantes do IOC/Fiocruz, a fim de estabelecer futuras parcerias na área de medicina tropical e epidemiologia, assim como intercâmbio de estudantes.

Ambas as partes demonstraram interesse em fortalecer o acordo já existente entre as duas instituições. "A Fiocruz é uma instituição de peso, com muito a agregar. Acredito que uma parceria com nossa universidade possa gerar benefícios para uma grande parcela da população", garantiu Mejía. Além do intercâmbio, outras propostas sugeridas pelos participantes foram a promoção de uma oficina de trabalho para troca de conhecimento entre os pesquisadores e uma linha de pesquisa sobre malária na fronteira entre Brasil e Colômbia.

A Universidade CES é uma organização privada, sem fins lucrativos, que oferece cursos de graduação a nível tecnológico e profissional em todas as áreas do conhecimento. Possui diversos acordos com universidades dos Estados Unidos, Europa e América Latina, oferecendo a estudantes e pesquisadores oportunidades de programas de intercâmbio.

Akira Homma recebe homenagem do governo do Japão

O presidente do Conselho Político e Estratégico de Bio-Manguinhos/Fiocruz, Akira Homma, recebeu, em 7 de junho, no Consulado do Japão no Rio de Janeiro, uma condecoração do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Japão, Fumio Kishida, em "reconhecimento à sua valiosa contribuição na ampla apresentação e divulgação da tecnologia médica japonesa ao Brasil, e no fortalecimento da capacitação tecnológica na produção de vacinas". A Comenda Ordem do Sol Nascente, Raios de Ouro com Laço, como é chamada a condecoração, simboliza o fortalecimento das relações entre os governos brasileiro e japonês, por meio das parcerias estabelecidas por Bio-Manguinhos e instituições daquele país, que contribuíram significativamente na erradicação da pólio e na redução dos casos de sarampo no Brasil. A cerimônia contou com presença do presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, o diretor e vice-diretores de Bio, além de membros da família Homma e alguns colaboradores convidados pessoalmente pelo homenageado.

Fonte Bio-Manguinhos



Acervo Bio-Manguinhos



Países da CPLP planejam novas ações de cooperação em saúde

Danielle Monteiro – CCS

O Grupo Técnico em Saúde da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) se reuniu em Lisboa, Portugal, para avaliar a execução do Plano Estratégico de Cooperação em Saúde da CPLP (PECS CPLP). No encontro, ocorrido em abril, os Estados Membro acordaram em trabalhar para o fortalecimento da estrutura do PECS; fazer um levantamento de acordos na área da saúde de cada país participante de forma a evitar sobreposição de ações; desenvolver os Centros Técnicos de Instalação e Manutenção de Equipamentos (CTIMES) junto aos ministérios da saúde de Moçambique e Cabo Verde até o final desse ano; criar uma rede de faculdades de medicina; e trabalhar na área de emergências de saúde pública como dengue e saúde dos viajantes.

Em palestra que ministrou durante a reunião, o coordenador do Cris/Fiocruz, Paulo Buss, expôs os últimos grandes eventos vinculados aos preparativos das Nações Unidas para a elaboração de diretrizes e recomendações para o desenvolvimento pós-2015. A partir da exposição, o grupo acordou em fazer uma reunião entre ministros da saúde sobre os Determinantes Sociais da Saúde e a saúde na agenda do desenvolvimento pós-2015 por ocasião da Assembleia Mundial da Saúde que acontecerá em Genebra, Suíça. O grupo também pretende promover um seminário online sobre saúde ambiental e desenvolvimento sustentável. O relatório da reunião pode ser acessado em https://www.dropbox.com/s/1bzwdurl0irvrpd/NV_558_GSE_CPLP.pdf



Unicef divulga seu informe anual

O tradicional informe anual do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) está disponível no site da organização. Denominado *State of World Children 2013* (O estado das crianças no mundo), o documento é o primeiro informe global dedicado a crianças com deficiência. O informe, que defende a igualdade de direitos dessa parcela da população infantil, explica como países e sociedades podem promover a inclusão social de crianças com deficiências de forma que ambos se beneficiem. O documento traz ainda dados recentes no que diz respeito à demografia, saúde, educação, proteção infantil, HIV e Aids, além de indicadores de disparidade e progresso.

Fonte: Unicef

Agenda do Desenvolvimento pós-2015

Danielle Monteiro - CCS

A Plenária de Alto Nível da Assembleia Geral sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) preparou documento com propostas de objetivos de desenvolvimento sustentável que devem constar nos próximos ODM.

O documento será entregue ao secretário geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, que vai acontecer

em setembro desse ano. O texto discute sobre temáticas como desigualdades; população; saúde; educação; crescimento econômico e emprego; conflito e fragilidade; governança; estabilidade ambiental; seguridade alimentar e nutrição.

A Fundação, por meio do Cris/Fiocruz, tem marcado presença em fóruns internacionais de debate sobre os próximos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. No começo do ano, o coordenador do Cris/Fiocruz, Paulo Buss, elaborou um documento para subsidiar a posição do Brasil no que diz respeito ao objetivo global que conviverá com (ou substituirá) os atuais três objetivos de saúde que constam nos ODM. A proposta foi apresentada em encontro ocorrido entre os Estados Membro no mês de março, em Botswana, na África. O documento pode ser acessado em <http://www.post2015hlp.org/wp-content/uploads/2013/05/UN-Report.pdf>



■ O Brasil está entre os seis países prioritários de atuação da instituição alemã. **Foto Fundação Humboldt**

Fundação Humboldt apresenta programas de pós-doutorado à Fundação

Thiago Oliveira - Cris

Estiveram reunidos no Cris/Fiocruz, no dia 16 de maio, o secretário geral da Alexander von Humboldt Foundation (Fundação Humboldt), Dr. Thomas Hesse, e a diretora do Escritório de Apoio da Fundação e do Centro Ale-

mão de Ciência e Inovação (DWIH, na sigla em alemão) em São Paulo, Nora Jacobs. Na ocasião eles apresentaram ao Cris, IOC e COC/Fiocruz a instituição alemã e mostraram seus programas de bolsas de estudo para pesquisadores e cientistas pós doutorados em universidades do país europeu.

Voltada para o entendimento universal, a Fundação Humboldt, no seu novo formato pós-guerra em 1953, orientou seus recursos para um network internacional de cooperação acadêmica composto hoje por mais de 25 mil "humboldtianos" em todo o mundo, que incluem 47 vencedores do Prêmio Nobel. O Brasil está entre os seis países prioritários de atuação da instituição alemã, que conta com um budget anual de 112.5 milhões de EUR, trabalhando com mais de 100 universidades na Alemanha. Segundo Hesse, a concessão das bolsas é totalmente dirigida para as pessoas e não para projetos, seguindo critérios de avaliação baseados na excelência acadêmica e voltada para todas as áreas do conhecimento humano.

Conferência Internacional sobre Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia

Com o tema Divulgação da Ciência para a inclusão social e o engajamento político, a próxima Conferência Internacional sobre Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia será realizada no Brasil. Organizado pela Rede Internacional PCST, o evento, que vai acontecer em Salvador, Bahia, terá como anfitriões brasileiros o Museu da Vida da COC e o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp). Interessados em participar da conferência podem enviar até o meio-dia de 1º de setembro de 2013 propostas de trabalho em divulgação científica e pesquisa sobre ciência e sociedade, jornalismo científico, museus de ciência e engajamento público em ciência e tecnologia. Mais informações em www.pcst-2014.org

Plataforma comum para melhoria de medicamentos

A Anvisa e agências reguladoras de todo o mundo se reuniram neste mês em Roma, Itália, para discutir a implantação de uma plataforma comum entre os países para ações na área de medicamentos. A proposta é melhorar os produtos disponíveis para a população e abrir novos mercados para os produtos brasileiros. Segundo o diretor-presidente da Anvisa, Dirceu Barbano, a globalização dos produtos na área de saúde exige que as agências de todo o mundo trabalhem em conjunto para dar conta do crescimento deste mercado tanto em volume com em complexidade dos produtos.

Fonte: Anvisa



Prêmio Péter Murányi 2014

Estão abertas as inscrições para concorrer ao Prêmio Péter Murányi. Os trabalhos deverão ser indicados por uma instituição ligada à área e que faça parte do Colégio Indicador. Cada instituição poderá indicar até dois trabalhos e deverá levar em conta os critérios do edital e formulário de participação do prêmio e ainda se o trabalho indicado é realmente inovador, tem aplicabilidade prática e melhora a qualidade de vida das pessoas situadas abaixo do paralelo 20 de latitude norte. O envio dos trabalhos indicados deve ser feito até 30 de setembro de 2013. A análise pela Comissão Técnica e Júri será realizada em fevereiro de 2014 e a cerimônia de entrega em abril do mesmo ano.

Clique aqui para baixar o edital e formulário de participação do prêmio.

Fonte: Fundação Peter Murányi

Unasul ganha espaço no Conselho Executivo da OMS

A Assembleia Mundial da Saúde (MAS) elegeu três países-membro da União das Nações Sul-Americanas (Unasul) para compor o Conselho Executivo da Organização Mundial da Saúde (OMS). Com isso, Brasil, Argentina e Suriname vão ocupar até 2016 três dos seis lugares destinados à Região das Américas. O total de 34 países integra o conselho, que tem a função de assessorar a AMS e ajudar na viabilização de suas resoluções. O representante do Brasil será o secretário de Vigilância em Saúde, Jarbas Barbosa, tendo como substituto o coordenador da Assessoria Internacional do Ministério da Saúde, Alberto Kleiman. A duração do mandato é de três anos.

Fonte: Ministério da Saúde

Acesso a antirretrovirais na pauta de encontro internacional

Foi realizado entre os dias 10 e 12 de junho, em Brasília, um encontro internacional que debateu os desafios que os países de renda média enfrentam para garantir o acesso aos medicamentos antirretrovirais. Organizado pelo Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde, o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (Unaid), a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Central Internacional de Compra de Medicamentos (Unitaid), a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) e a Organização Internacional Pool de Patentes de Medicamentos, a reunião teve o objetivo de compartilhar experiências sobre a provisão de medicamentos e discutir alternativas para promover a redução de preços nesses países.

Fonte: Ensp



Intercâmbio de médicos brasileiros e portugueses

Como parte do conjunto de medidas adotadas para enfrentar o déficit de médicos no Brasil, os governos brasileiro e português estudam mecanismos para promover o reconhecimento mútuo de diplomas de medicina, concedendo autorização para que profissionais formados na universidade de um país possam atuar no outro. O assunto foi discutido em reunião entre os ministros da Saúde do Brasil, Alexandre Padilha, e de Portugal, Paulo Macedo, no dia 10 de junho, em Lisboa. O Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta, em vigor desde 2000, já incluía esse mecanismo, porém, não tinha envolvimento direto dos Ministérios da Saúde. A ação foi adotada por outros países de línguas semelhantes para estimular e facilitar o intercâmbio de profissionais, como Canadá e Estados Unidos e países da União Europeia.

Fonte: Ministério da Saúde

Curso de Atualização em Políticas Públicas de Cooperação Internacional em Saúde

O Núcleo de Estudos sobre Bioética e Diplomacia em Saúde (Nethis/UnB/Opas/Fiocruz) e a Fiocruz Mato Grosso do Sul ministrarão a segunda edição do Curso de Atualização em Políticas Públicas de Cooperação Internacional em Saúde em Perspectiva Bioética. A capacitação será nos dias 21, 22, 29 e 30 de outubro, em Campo Grande, Mato grosso do Sul. As inscrições e outros detalhes do curso serão divulgados em breve. O coordenador do Cris/Fiocruz, Paulo Buss, dará aula sobre A Agenda Global do Desenvolvimento e a Cooperação em Saúde; e o coordenador do Nethis, José Paranguá, ministrará disciplina sobre os Paradoxos da Cooperação Internacional como Desafios Bioéticos. Seis professores ainda serão definidos pelo Nethis e três pela Fiocruz MS.

Fonte: Nethis

Curso internacional no campo de doenças infecciosas

O Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas (mestrado e doutorado) do Ipec/Fiocruz está com inscrições abertas para o Curso Internacional "Molecular Methodologies for Epidemiology and Diagnosis of Systemic Mycoses". Realizado no âmbito do programa Ciências Sem Fronteiras, o curso vai acontecer em Campo Grande (MS) de 12 a 15 de agosto de 2013. Ele será coordenado por Wieland Meyer, professor e pesquisador da Universidade de Sydney, Austrália, na área de micologia, chefe do Laboratório de Micologia Molecular e vice-presidente da International Society for Human and Animal Mycology (ISHAM); e também por Bodo Wanke, pesquisador titular e docente permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas do Ipec/Fiocruz. Inscrições devem ser enviadas por e-mail com CV Lattes para carla.pena@ipec.fiocruz.br com cópia para cpg@ipec.fiocruz.br

Fonte: Ipec/Fiocruz

Bolsas de pós-doutorado em institutos de pesquisa norte-americanos

A fim de fomentar projetos de pós-doutorado em institutos e centros norte-americanos, o programa Ciência sem Fronteiras e os Institutos Nacionais de Saúde (NIH, na sigla em inglês) dos Estados Unidos abriram inscrições para interessados em concorrer a bolsas para o desenvolvimento de pesquisas em biociências e ciências da saúde na modalidade Pós-Doutorado no Exterior (PDE). As propostas devem ser encaminhadas ao Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCTI) por meio do site da instituição, preenchendo o Formulário de Propostas On-line, disponível na Plataforma Carlos Chagas. Para mais informações [clique aqui](#).

Projetos de nanobiotecnologia com o Japão

O CNPq lançou chamada para projetos de nanobiotecnologia em parceria com a Agência Japonesa de Ciência e Tecnologia (JST). Serão oferecidas bolsas, com vigência máxima de 12 meses, nas modalidades Doutorado Sanduíche no Exterior (SWE), Pós-doutorado no Exterior (PDE), Desenvolvimento Tecnológico e Inovação no Exterior Júnior (DEJ) e Sênior (DES). As temáticas contempladas são alimentação funcional, conversão de biomassa, microalgas e desagregação microbiana, biorremediação, biolixiviação, reabilitação ambiental e sensores nanobiotecnológicos, Biofármacos, Biomateriais e Biologia sintética. Confira [aqui](#).

Fonte: CNPq

Chamadas públicas para projetos de pesquisa na área da saúde

Até o dia 22 de julho estão abertas inscrições para projetos de pesquisas na área da saúde financiados pelo Ministério da Saúde por meio do Fundo Setorial da Saúde. Quatro chamadas públicas foram lançadas pelo CNPq destinadas a esses projetos. A Chamada MCTI/CNPq/MS - SCTIE - Decit Nº 07/2013 apoiará o desenvolvimento de projetos sobre Práticas Integrativas e

Complementares (PICs) no SUS, considerando Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura; Homeopatia, Plantas Medicinais e Fitoterapia; e Termalismo Social e Medicina Antroposófica.

A Chamada MCTI/CNPq/MS-SCTIE- Decit Nº 15/2013 selecionará propostas de pesquisas que visem contribuir com a realização de ensaios clínicos e a consolidação de produtos estratégicos para o SUS; enquanto a Chamada MCTI/CNPq/MS - SCTIE - Decit Nº 08/2013 será voltada a projetos de pesquisas científicas, tecnológicas e de inovação que ajudem no fortalecimento da capacidade nacional da pesquisa em educação permanente e aquisição de novas tecnologias para dimensionamento da força de trabalho em saúde no SUS. Já a Chamada MCTI/CNPq/MS- SCTIE- Decit Nº 06/2013 apoiará projetos que visem contribuir para o fortalecimento da capacidade nacional das pesquisas de avaliação de tecnologias em saúde em eixos como atenção primária; envelhecimento e condições crônicas; e monitoramento de tecnologias em saúde.

Fonte(s): [CNPq](#)

Chamada para projetos conjuntos com 12 países

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCTI) lançou a chamada pública nº 17/2013 Cooperação Internacional – Acordos Bilaterais, que objetiva apoiar projetos conjuntos com 12 países da Europa, América do Sul e Central e Caribe. Os países incluídos estão Alemanha, Argentina, Bélgica, Colômbia, Costa Rica, Cuba, França, Itália, México, Portugal, Uruguai e Peru. As propostas devem ser cadastradas até o dia 17 de julho, na Plataforma Carlos Chagas, na [página](#) do CNPq. A divulgação dos resultados ocorrerá a partir do mês de outubro e o início do apoio às propostas será a partir de novembro.

As bolsas concedidas terão duração máxima de 12 meses nas modalidades doutorado sanduíche (SWE), pós-doutorado (PDE) e desenvolvimento tecnológico e inovação júnior (DEJ) e sênior (DES), somente para áreas contempladas no programa Ciência sem Fronteiras (CsF).

Fonte: Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI)

Cooperação com fundação francesa promete reduzir casos de leishmaniose no Brasil



Danielle Monteiro

Como surgiu a ideia de selar essa parceria com a Fundação Sanofi Espoir voltada ao combate à leishmaniose?

Otamires: Desenvolvi minha tese de doutorado na Universidade Pierre et Marie Curie e os trabalhos práticos sobre leishmaniose foram desenvolvidos no Laboratório de Parasitologia do Hospital Pitié Salpêtrière, em Paris, onde passei quatro anos. Fui indicada e apresentada pelo meu orientador de tese, Mr.Loic Monjour, ao grupo Sanofi para desenvolver um projeto de pesquisa sobre leishmanioses no Brasil. O projeto de pesquisas inicial foi apresentado ao comitê em Paris, em 2003, sendo aprovado e financiado por um ano com direito a ser renovado por mais outro. O projeto foi desenvolvido inicialmente no município de São Vicente Férrer e depois ampliado para mais quatro municípios: Macaparana, Goiana, Água Preta e Timbaúba. Todos na zona da mata de Pernambuco, com casos humanos de leishmaniose tegumentar. O projeto de pesquisas que teria uma duração de mais ou menos dois anos teve uma duração de nove anos. De acordo com os resultados obtidos, me foi sugerido apresentar um projeto de pesquisas em outras áreas, aplicando a mesma metodologia,

A leishmaniose é uma das doenças negligenciadas que mais afeta países em desenvolvimento. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), são notificados por ano dois milhões de casos novos da enfermidade no mundo. E o Brasil não foge desse contexto: 90% dos casos registrados na América Latina ocorrem no país, segundo dados do Ministério da Saúde. No Sudeste, a doença tem crescido e quase dobrou de 2000 a 2011; porém, as regiões mais afetadas ainda são a Norte e Nordeste que, juntas, respondem pela maior parte dos casos (71%, entre 1992 e 2011). Essa realidade vivenciada pelas regiões brasileiras motivou o Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM/Fiocruz-PE), em parceria com a Fundação Sanofi Espoir, a criar o Programa Multidisciplinar de Saúde, que tem como principal objetivo o combate à doença no país. A iniciativa faz parte do Programa Mundial de Acesso a Medicamentos do Grupo Sanofi.

Iniciado em 2003, o projeto conseguiu reduzir em cerca de 80% os casos de leishmaniose em cinco municípios do estado de Pernambuco. Em breve, a ação será levada ao Ceará, inicialmente aos municípios de Baturité e Pacoti, localizados a cerca de 100 km de Fortaleza. Com a expansão do programa, os participantes esperam repetir o sucesso da iniciativa. A coordenadora e executora do projeto, Otamires Silva, contou ao Crisinforma como ele tem sido conduzido e falou sobre suas expectativas quanto à ampliação do programa a outras regiões brasileiras.

o mesmo modelo. E em junho de 2012, o projeto foi julgado entre 17 outros projetos, sendo somente dois aprovados: o nosso e outro da Índia.

Quais são os principais objetivos do programa?

Otamires: O projeto tem por objetivo reforçar as capacidades locais e melhorar a saúde pública em particular nos domínios seguintes; a formação e reciclagem do pessoal da saúde alvo sobre o conhecimento das doenças endêmicas da região; a educação sanitária; a avaliação da evolução e das modalidades de transmissão das leishmanioses no meio urbano e rural; o acompanhamento dos doentes antes, durante e após o tratamento, notadamente por registro fotográfico através de testes de laboratório e das visitas domiciliares; e ações de controle dos reservatórios de transmissão (cão doméstico – exames parasitológico direto e sorológico) e de vetores de transmissão (flebotomos).

Qual o papel de cada uma das partes no programa? E por que a Sanofi foi escolhida como parceira?

Otamires: A Fiocruz funciona como parceira operacional. A Fundação Sanofi Espoir é um grupo forte na área de medicamentos. São eles que fabricam a Glucantime, medicação usada para tratamento da leishmaniose.

Por isso a escolha. Além do mais, eles financiam nosso projeto de pesquisa.

O programa será estendido a algumas regiões endêmicas no Ceará. Há previsão de ampliar essa ação a outros estados do país?

Otamires: Sim, esperamos ampliá-la. Vamos desenvolver o projeto de pesquisas inicialmente em duas áreas endêmicas do Ceará: Baturité e Pacoti, procurando aplicar o mesmo modelo utilizado nos cinco municípios de Pernambuco. Durante o desenvolvimento do projeto nessas áreas selecionadas, vamos analisar os resultados com pretensão de expandir para outras áreas já visitadas no Ceará. O importante é chamar a atenção da população, sensibilizar os moradores, garantir o acompanhamento próximo dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e Agentes de Combate às Endemias (ACE) e criar um núcleo de capacitação de profissionais de saúde para disseminar o conhecimento em outras regiões endêmicas.

Estão incluídas no programa ações de combate ao mosquito? Se sim, de que forma isso será feito?

Otamires: Sim. Os flebotomos (vetores responsáveis por transmitir a doença) serão trabalhados nesse programa, e vamos trabalhar em equipe.

Em Baturité, já existe um laboratório da antiga FUNASA com pessoal que já vem trabalhando com os vetores, além de pesquisadores do estado do Ceará que lecionam nas universidades e desenvolvem pesquisas com seus estudantes de mestrado e doutorado.

E que outras ações são contempladas pelo programa?

Otamires: Como medidas preventivas o programa visa os seguintes pilares: melhoria no diagnóstico; capacitação de profissionais de saúde; e campanhas de alerta e sensibilização da população. Para garantir o diagnóstico nos municípios e áreas vizinhas, o programa implantará um laboratório de diagnóstico sorológico e parasitológico humano e animal. Outra iniciativa é o treinamento dos ACS, ACE e de profissionais da saúde que trabalham nos Programas de Saúde da Família (PSFs). Nas escolas, vamos trabalhar com os alunos, pois as crianças, como boas disseminadoras de informação, também receberão orientações, auxiliadas por material de apoio para reforçar a conscientização sobre a doença. A integração das autoridades públicas da região nesse processo garantem incisivamente os efeitos do Programa Multidisciplinar de Leishmaniose.

Ainda como prevenção, indicamos o uso de mosquiteiros (de malha fina), repelentes, assim como telas em portas e janelas das residências. E limpar diariamente o entorno da casa, não acumular pedaços de madeira, garrafas, pedras e restos de alimentos apodrecidos, além de recolher o lixo em sacos plásticos, enterrar ou incinerar. Ao saber de alguma ocorrência de contaminação na vizinhança, é preciso solicitar a presença do ACE para aplicação de inseticida (Borrifação) nas áreas internas e externas da casa. É preciso também acompanhar atentamente a saúde do animal doméstico (cão), importantes reservatórios considerados membros da família. São medidas simples que ajudam a evitar a proliferação do mosquito (flebotomo) e da contaminação.

Já foi dado início ao programa no Ceará? Se sim, quais dessas ações já foram implantadas até agora?

Otamires: Sim, o programa já teve início com o levantamento da estrutura do sistema de saúde de cada localidade visitada, com as prefeituras municipais e secretarias de saúde, conversando com todo pessoal da área médica que faz parte do Programa de Saúde da Família (médicos, enfermeiros, Agentes Comunitários de Saúde e Agentes de Combate às En-

demias), observando as necessidades das estruturas e de condições de trabalho no atendimento aos pacientes. Nestas visitas, observamos as necessidades (que, infelizmente, são muitas) relacionadas ao conhecimento da doença, diagnóstico, prevenção e tratamento. Finalmente, escolhemos duas localidades para início das atividades: Baturité e Pacoti.

Em maio deste ano, iniciamos a campanha do programa com a presença de autoridades nacionais e internacionais. Visitamos o Hospital São José, localizado em Fortaleza e que serve de referência aos municípios; visitamos o laboratório da Funasa em Baturité, onde vamos implantar o laboratório de diagnóstico humano e animal, anotando as deficiências de materiais e de equipamentos; visitamos uma Unidade Básica de Saúde acompanhada pelo médico local realizando um dos diagnósticos – Teste de Montenegro; distribuímos alguns mosquiteiros nas residências visitadas; e, no auditório local, reunimos todos os ACS e ACE das duas localidades para distribuição de sacolas que usarão durante as visitas domiciliares e camisas para uso diário.

A iniciativa conseguiu reduzir em cerca de 80% os casos da doença em cinco municípios da Zona da Mata Norte em Pernambuco. A que se deve essa conquista?

Otamires: A leishmaniose é uma doença negligenciada e um problema de saúde pública que não é difícil de ser tratado. Priorizamos o diagnóstico específico para o encaminhamento rápido dos pacientes ao tratamento e promovemos a formação dos profissionais da saúde. A maior dificuldade dos profissionais da saúde está relacionado ao diagnóstico da doença. Ela tem cura, mas o tratamento depende do diagnóstico rápido e específico. Apenas medicamento não é suficiente. O governo brasileiro já faz um esforço grande de distribuir o medicamento, mas o programa não envolve apenas um médico ou um medicamento.

Quanto de redução no número de casos da enfermidade se espera com a implantação do programa no Ceará? Qual a previsão de término do programa no estado e quando vocês devem ter os resultados?

Otamires: Vamos tentar o máximo de redução, iniciando nas duas áreas. O projeto de pesquisa foi aprovado para três anos. Estamos iniciando as atividades práticas em julho. Ainda é muito cedo pensar em resultados para poderemos comparar com nosso modelo.

Qual o grande desafio na luta contra a leishmaniose no Brasil?

Otamires: São realmente muitos os desafios. Os principais desafios estruturais são a formação dos ACS e ACE; o transporte dos pacientes; o acesso às regiões sem nenhuma estrutura de intervenção; o seguimento dos pacientes em tratamento; e o diagnóstico epidemiológico, clínico e laboratorial.

Há previsão de ampliação de parceria entre a Fiocruz Pernambuco e a Fundação Sanofi Espoir com foco em outras doenças negligenciadas?

Otamires: Acredito que sim e isso é importante. Quando realizamos a qualificação dos ACS e ACE chamamos atenção para outras doenças endêmicas como doença de Chagas, dengue, esquistossomose, entre outras.

O que é leishmaniose?

A leishmaniose é uma doença crônica provocada por protozoários do gênero *Leishmania*. Existem duas formas da doença: a leishmaniose tegumentar americana e a leishmaniose visceral. Esta última é caracterizada por febre de longa duração, perda de peso, anemia, entre outras manifestações; e, quando não tratada, pode levar a óbito em mais de 90% dos casos. Anteriormente restrita a zonas rurais, a forma da doença tem se expandido para áreas urbanas nos últimos anos, tornando-se um crescente problema de saúde pública não somente no país, mas também em outros países das Américas. A transmissão da leishmaniose visceral no Brasil se dá pela picada dos vetores *Lutzomyia longipalpis* e *Lutzomyia cruzi* – espécies de flebotomíneos popularmente conhecidos como mosquito palha - infectados pela *Leishmania chagasi*. Em áreas urbanas, a principal fonte de infecção da forma da doença é o cão. Já a leishmaniose tegumentar americana se manifesta por meio de úlceras na pele e mucosas, sendo transmitida pela picada das fêmeas de flebotomíneos infectadas. No Brasil, são sete as espécies de *leishmanias* envolvidas na ocorrência de casos da forma da doença. Assim como na leishmaniose visceral, animais domésticos como canídeos, felídeos e equídeos estão entre os hospedeiros. O país é acometido pelas duas formas da doença.

Fonte: Ministério da Saúde